



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LUANA DE SOUSA BEZERRA

BENZEDEIRAS E REZADEIRAS EM MONSENHOR HIPÓLITO- PIAUÍ
(1950-2013)

PICOS-PI

2014

LUANA DE SOUSA BEZERRA

**BENZEDEIRAS E REZADEIRAS EM MONSENHOR HIPÓLITO- PIAUÍ
(1950-2013)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Dr. Agostinho Júnior Holanda
Coe

PICOS-PI

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

B574b Bezerra, Luana de Sousa.
Benzedeiras e rezadeiras em Monsenhor Hipólito – Piauí
(1950 – 2013) / Luana de Sousa Bezerra. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¼ pol. (61 f.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. Dr. Agostinho Junior Holanda Coe

1. Benzedeiras 2. Rezadeiras. 3. Religião. 4. Crença
Popular. I. Título.

CDD 282.812 2

LUANA DE SOUSA BEZERRA

**BENZEDEIRAS E REZADEIRAS EM MONSENHOR HIPÓLITO- PIAUÍ
(1950-2013)**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em História, do Campus
Senador Helvídio Nunes de Barros da
Universidade Federal do Piauí.
Orientador: Prof. Dr. Agostinho Júnior
Holanda Coe

Aprovada em: 08 / 01 / 2015

BANCA EXAMINADORA

Agostinho Júnior H. Coe

(Prof. Dr. AGOSTINHO JÚNIOR HOLANDA COE / UFPI – CSHNB)
(Orientador)

Mairton Celestino da Silva

(Prof. Ms. MAIRTON CELESTINO DA SILVA)
(Examinador Interno)

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

(Prof. Ms. FÁBIO LEONARDO CASTELO BRANCO BRITO)
(Examinador Interno)

Dedico a minha amada mãe Rosélia que nunca deixou de acreditar em mim e sempre me apoio para que eu pudesse realizar meu sonho.

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de agradecer, e é nesse momento que percebemos quantas pessoas contribuíram para a nossa formação pessoal e intelectual, para a conclusão desse trabalho e de tantos outros realizados durante os anos de graduação.

Primeiramente, agradeço a Deus, ser supremo, que me ensinou a vencer os obstáculos e superar as mazelas que a vida me pregou durante esta caminhada de luta. Entendo que é possível sim, ter conquistas significantes na vida, basta acreditar.

Aos meus amados pais Zé Inácio e Rosélia, por nunca terem medidos esforços para me dar uma boa educação e em especial a minha querida mãe Rosélia pelo incentivo, paciência e me fazer acreditar que podemos realizar nossos sonhos sim, só basta querer e jamais desistir. Mãe meu muito obrigado, se não fosse pela senhora eu não estaria aqui na Universidade Federal do Piauí!

Ao meu querido irmão Luênio, meu amigo, companheiro de todas as horas;

À minha queridíssima Tia Socorro pela dedicação que sempre teve por mim;

À minha estimada vó/mãe (vozinha Assiza), meu refúgio, minha fortaleza, não sei o que seria de mim sem seus ensinamentos;

Aos meus colegas de turma (Paulo Vitor, Mauricélia, Maria Francisca, Jane) pelos momentos de alegria e descontração;

Aos meus colegas do apartamento 101, por estes anos de camaradagem e pelo apoio e incentivo e em especial a Paulo Henrique um irmão que ganhei durante esta caminhada;

Agradeço as minhas amigas de toda uma vida (Lucijane, Lívia e Francinilda). Sei que esse sonho também é de vocês, obrigada pelos conselhos, os puxões de orelhas e por acreditarem em mim quando nem eu mesmo acreditava. Amo vocês!

Aos meus professores, pela paciência, os ensinamentos e atenção que tiveram comigo durante esta trajetória;

Agradeço ao docente Agostinho Coe – orientador deste trabalho – por aceitar direcionar minhas ideias, no intuito de construir esta pesquisa. Obrigada pela compreensão e dedicação, pela paciência e disponibilidade.

Desejo agradecer imensamente as mulheres rezadeiras: Dona Chica Felina, Dona Socorro, Dona Tica de Dona, Dona Felina, não apenas pelas entrevistas que possibilitaram esse texto, mas pelas conversas repletas de ensinamentos para uma vida inteira.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para que este trabalho fosse realizado.

Mas se a história é capaz de promover ou de paralisar novas experiências religiosas, ela não consegue nunca abolir definitivamente a necessidade de uma experiência religiosa.
Mircea Eliade, Tratado de História das Religiões.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar como são realizadas as práticas das rezadeiras/benzedadeiras e as relações que envolvem o sagrado e o profano nos espaços de cura. A partir da coleta de dados, através de entrevistas com quatro rezadeiras do município de Monsenhor Hipólito- Piauí, buscamos compreender as práticas curativas utilizadas por uma medicina tida como popular e a relação das rezadeiras/benzedadeiras com aspectos religiosos que justificam a cura. As rezadeiras/benzedadeiras são mulheres ligadas à religião e fortemente marcadas pela resistência contra o desaparecimento da sua relevância perante a sociedade, além de articularem sua importância para a comunidade em termos histórico-culturais, sendo ainda uma forma de expressividade da cultura popular.

Palavras chave: benzedadeiras – rezadeiras – religião – crença – cura.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyse the practices of rezadeiras/healers and relations involving the sacred in the profane in the spaces of cure. From the collection of data through interviews with rezadeiras the municipality of Monsenhor Hipólito, we seek to understand the curative practices used by a medicine taken as popular and the relation of rezadeiras/healers with religious aspects that justify the cure. The rezadeiras/healers are women involved in religion and strongly marked by resistance against the disappearance of its relevance in the society, in addition to articulate their importance to the community in terms of the historical cultural, still being a form of expression of popular culture.

Keywords: Rezadeiras – Healers – Religion – Belief - Cure.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADES.....	15
1.1 Manifestação da cultura popular	19
1.2 Religiosidade popular	21
1.3 O dom.....	22
2 RELIGIOSIDADES NO CONTEXTO BRASILEIRO	27
2.1 Contexto da Religiosidade no Piauí	33
2.2 Desenvolvimento histórico e religioso de Monsenhor Hipólito-PI	36
3 O MUNDO DAS REZADEIRAS DE MONSENHOR HIPÓLITO.....	40
3.1 As práticas das benzedeiros e rezadeiras em Monsenhor Hipólito-PI	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICES.....	61

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a estudar “As benzedeadas e rezadeiras em Monsenhor Hipólito-Piauí (1950-2013)”, analisando como são realizadas as suas práticas de cura e sua compreensão dos aspectos relacionados ao sagrado e ao profano.

Tomamos como sujeitos do nosso estudo quatro rezadeiras da cidade de Monsenhor Hipólito na tentativa de compreender o universo dessas mulheres, suas práticas culturais e o apego a determinados elementos religiosos. Nesse sentido, pensar na importância das rezadeiras contribui para reconhecer que estas são agentes da história e estão mergulhadas em universos religiosos próprios do seu cotidiano.

As práticas alternativas que envolvem as curas, benzeduras, orientações espirituais desenvolvidas aqui no Brasil envolveram elementos de origens católicas, indígenas e africanas. Os rituais de reza e benzedura, por exemplo, agregaram orações católicas aos poderes de folhas, chás e outros elementos capazes de afastar as forças que enfraqueciam o corpo e o espírito. Os homens e mulheres que desenvolveram as práticas de cura possuíam uma experiência singular com a fé.

Este trabalho justifica-se por compreender que a rezadeira é uma mulher repleta de sensibilidades, de atitudes de acolhimento para com aqueles que chegam a sua casa, em geral outras mulheres, acompanhadas de seus filhos ou parentes próximos em busca da reza. Justificando-se ainda, pela ligação de caráter pessoal, o mundo das rezadeiras me chamou atenção desde criança pela convivência com minha tia, pois via com frequência a mesma ser procurada para realizar suas rezas em crianças, adultos e animais que se encontrassem com algum mal como: quebranto, mal olhado, isipela, verruga, animal com bicheira ou engasgado. Como relevância social essa pesquisa apresenta a sociedade um estudo particular e cultural sobre as crenças dessas quatro rezadeiras hipolitanas.

Para a construção do trabalho, procurou-se fazer uma pesquisa com base na história oral somada às discussões historiográficas em torno do tema, o trabalho se encontra na região de fronteira entre história e antropologia e história do tempo presente, assim, foi possível obter um conhecimento atento das rezas o que nos possibilitou ver essas mulheres como pessoas especiais que partilham suas

vivências e experiências, usam as memórias dos sujeitos que participaram direto ou indiretamente deste processo. Assim, para J. Vansina, podemos constatar que:

A tradição oral, tomada no seu todo, não se resume à transmissão de narrativas ou de determinados conhecimentos. Ela é geradora e formadora de um tipo particular de homem. Pode-se afirmar que existe a civilização dos ferreiros, a civilização dos tecelões, a civilização dos pastores, etc. (2010, p. 189).

A preferência pela história oral deve-se ao fato da possibilidade de percebermos as transformações, pois, conforme Janotti (1993, p. 17), “é o historiador que comanda o processo de conhecimento ao selecionar depoentes, recortar temas, reescrever, falar e construir interpretações”.

A construção deste trabalho teve embasamento teórico no contexto histórico sobre a qual se insere as benzedeadas em questão, ou seja, o momento em que elas iniciam este ofício. Para tanto, foram articulados inicialmente os estudos de autores como de Mircea Eliade (1992), Laura de Melo e Souza (1986), Gilberto Freire (2006), Luiz Mott (2010). No contexto piauiense buscamos os trabalhos dos autores: Tânia Brandão (1999); Áurea da Paz Pinheiro (2001), Monsenhor Chaves (1998), Alcebíades Costa Filho (2006), Pedrina Nunes Araújo (2011). Além de fontes de estudos de hipolitanos: Miguel Joaquim Bezerra (2007). O Advogado Miguel Joaquim Bezerra (2007), no seu livro “Das Origens às Raízes 100 anos de Santa Ana Padroeira de Riachão”; e o Trabalho de Conclusão de Curso de Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012), “Educação e Sociedade na cidade de Monsenhor Hipólito – PI durante os anos de 1975 a 1998”.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos, no primeiro capítulo “Religião e Religiosidade”, procuramos compreender como o sagrado e o profano se relacionam e se envolvem num misto de distanciamento e confusões, senhoras benzedeadas podem ser sagradas para uns e profanas para outros, o que depende da concepção que se tem de sagrado e de profano. Também neste capítulo analisamos a relação do dom com a divindade e o que possibilita ver essas senhoras não como pessoas comuns, mas especiais e que ainda exercem uma função de religiosidade bem marcante em diversas comunidades.

No segundo “Religiosidades no contexto brasileiro” buscamos refletir acerca da religiosidade no contexto do Brasil e do Piauí, segundo seus aspectos e

características embasadas nas análises referenciais a partir das contribuições teóricas.

No terceiro e último capítulo “O mundo das rezadeiras de Monsenhor Hipólito” apresentamos uma narrativa de vida de quatro rezadeiras, na tentativa de compreender esse universo cultural na sociedade contemporânea. Como veremos, esses relatos estão centrados em três aspectos: religião e religiosidade, o dom, contexto histórico e religioso no Brasil e no Piauí e a reza. Esses são os eixos através dos quais construímos o nosso estudo.

Nessa análise e discussão dos dados coletados, é essencial que afirme-se que ocorreu por meio de entrevistas com quatro mulheres hipolitanas conhecidas pelas suas práticas de benzeção e rezas, que atuam ainda na atualidade com tais práticas. As entrevistas tinham roteiros elaborados com 06 (seis) questões com perguntas que respondessem ao problema de pesquisa sobre: Quais fatores influenciam na permanência e continuidade das práticas das benzedeadas e rezadeiras na atualidade?

As respostas apresentadas aqui foram colhidas em pesquisa de campo nas casas dessas benzedeadas, Francisca; Socorro; Tica e Felina, que também são seus locais de trabalho, ao analisar-se e expor o que as mesmas falam de suas práticas chega-se ao entendimento de que fatores influenciam na persistência das práticas de benzeção e rezas dessas mulheres ainda na atualidade.

Tendo como base teórica a história oral que produz narrativas orais e de memória. Estas, por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas, também, como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade.

Nesse sentido, Verena Alberti dispõe que:

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de construção de fontes para o estudo da história [...] O trabalho com história oral pode mostrar como a construção da memória é o objetivo de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo, porque está atrelada a construção de sua identidade. (ALBERTI, 2005, p.55).

Predominantemente advindos de regiões rurais e das camadas mais baixas da população, traçaremos de forma concisa a trajetória de vida das benzedeadas e rezadeiras, a fim de entendermos como se territorializaram suas práticas sociais e culturais, também, no espaço urbano.

As quatro rezadeiras que se escolheu para entrevistar faz parte de uma geração que tem entre cinquenta e sessenta e cinco anos, que possuem pontos de demarcações na memória sobre o ofício em comum, lembranças inseridas e fortificadas dentro de um mesmo tempo. As reminiscências que ajudaram a compor a memória coletiva sobre das práticas religiosas das senhoras rezantes ou senhoras rezadeiras, mulheres comuns dotadas de sentimento religioso e consideradas sagrada.

1 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADES

A religião e religiosidade ligam a história de um povo, uma nação, muitas são as interpretações sobre acontecimentos e memórias tanto individuais e coletivas que tem características religiosas e que ao mesmo tempo desempenham funções sociais para com seus indivíduos.

São esses aspectos a respeito de religião e religiosidades que não podem ser ignorados, mas compreendidos significativamente como relevantes no campo da pesquisa histórica, e ainda devido às crenças e valores gravados socialmente.

Nessa parte abordaremos o sagrado e o profano em uma relação entre o ser religioso e o não religioso, sob essa dicotomia que se opõem ou esses modos de ser e estar no mundo e como elas se manifesta e se afastam dentro de um espaço.

Segundo Eliade (1992, p. 21) “para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras”, ou seja, esse espaço está passível de mudanças, a partir disso procuramos interpretar as práticas das rezadeiras, bem como, entender como elas se constituem no seu cotidiano.

A homogeneidade do espaço em si dá ao ser religioso a noção de desestruturação e irrealidade que confronta com a estrutura de significados que o espaço sagrado emite. O sagrado demonstra e se expressa de acordo com as características socioculturais e históricas, da sociedade na qual se manifesta uma intenção.

A hierofonia é o ato da manifestação do sagrado, Eliade (1992) aponta que inclusive a própria história das religiões, desde as mais primitivas às mais elaboradas, é constituída por um número considerado de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas.

Equivalente à perspectiva do sagrado a partir das hierofanias, o autor Micea Eliade estrutura seu conceito de sagrado também a partir da análise do espaço e do tempo (ELIADE, 1992). Sugere ainda o espaço profano em que o homem religioso pensa o espaço de maneira heterogênea e o diferencia em função de suas qualificações, pois, o espaço sagrado, real e de forte significado, é aquele outro espaço, indefinido, sem qualquer expressão ou consciência.

O espaço do tempo sagrado e o profano são dois universos opostos, ao mesmo tempo complementares, pois, compreendemos que para a existência de um é necessário que tenhamos a noção adequada do outro. No que diz respeito ao sagrado podemos identificar lugares, tempos, livros, assim também como pessoas que assumem o papel de sagrado para entender o profano.

De acordo com Eliade (1992):

O sagrado manifesta-se em pedras ou, árvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos a ver não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofonias, porque "revelam", algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o ganz andere. (ELIADE, 1992, p.15).

Assim sendo, o sagrado é inexplicável para um homem não religioso, pois se mostra como algo diferente do mundo profano. Mas o entendimento que se tem é o de que a crença leva o entendimento de que até mesmo objetos mais simples podem ser considerados sagrados, pois a sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Por outros termos, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica (ELIADE, 1992).

É então, o sentimento religioso e o valor significativo da crença que o homem adquire perante o sagrado, é através desse sentimento que procuramos interpretar às práticas das rezadeiras, pela crença de que a manifestação do sagrado pode ser encontrada em qualquer esfera, em qualquer meio ou objeto que não tenha explicações naturais, mas esteja munida de sobrenaturalidade, como uma hierofonia.

Na visão de Eliade, o ser humano ocidental moderno experimenta certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil aceitar que o sagrado possa se manifestar em pedras ou árvores, por exemplo. Contudo, acredita-se que a pedra e a árvore sagrada não são adoradas como tal, mas, justamente porque são hierofanias e revelam algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas, sagrado.

Tem-se o entendimento de ser religioso, ao se apossar de um espaço, que não é sagrado, pois precisa realizar um ritual de cosmonização do lugar, tornando-o sagrado, e isto, é a sacralização que dará ao ser religioso, diante do desconhecido,

uma sensação de pertencimento ou significação, pois é através desse ritual que ele reordenará esse novo espaço.

Um exemplo simples de sacralização do espaço é a celebração da santa missa sob o Monte Pascoal, realizado pelos portugueses quando aqui chegaram. A missa é um ritual cristão que retrata o mito da santa ceia, considerada pela Igreja como a primeira manifestação cristã realizada na história, ou seja, é o mito cristão que encena ou conta a origem do cristianismo. (ARAÚJO, 2011, p. 20)

Com referência aos lugares sagrados, percebemos que as diversas tradições religiosas consideram alguns lugares como especiais e os preservam com todo o respeito. Os lugares ou centros considerados sagrados pelos eventos devem revelar-lhes o lugar do homem no cosmo e transcender desse modo o mundo meramente físico e social.

Segundo Rubem Alves (1984) essa classificação em sagrado e profano, depende das atitudes e percepções dos homens, pois nada mais são do que posturas assumidas pelos homens e pelas mulheres ao empreenderem uma experiência pessoal do sagrado e são capazes de revestir alguns objetos de um caráter sagrado, enquanto outros tantos não possuem esse valor.

Os conceitos de sagrado e profano sempre estiveram presentes na construção da vida social e moral, possibilitando uma definição dos padrões comportamentais, alguns aceitos e outros colocados à margem.

Diversas maneiras têm os homens de vivenciar uma experiência com o sagrado; desde o momento em que se estabelece o que é sagrado ou não; até o instante em que a própria vida é guiada a partir do sagrado ou para atingi-lo. Segundo Rubem Alves é no seio dessas experiências que surge a religião:

Coisas e gestos se tornam religiosos quando os homens os batizam como tais. A religião nasce com o poder que os homens têm de dar nomes às coisas, fazendo uma discriminação entre coisas de importância secundária e coisas nas quais seu destino, sua vida e sua morte se dependuram. (ALVES, 1984, p. 24).

Então, os homens se veem e batizam como tal e passam a fazer parte de uma religião. Religião é um conjunto de símbolos que os homens usam e vão adquirindo, nesse aspecto significação.

Nesse conjunto, é o discurso religioso que torna capaz a transformação de coisas brutas, profanas, vazias em objetos cheios de sentido e a manifestação do

sagrado nas pessoas. Mircea Eliade (1992) demonstra que o homem religioso auto considera-se estar no centro do mundo e que essa posição o torna relevante perante o profano, pois o sagrado se manifesta totalmente diferente desse profano e essas diferenciações fazem surgir para o sagrado uma manifestação divina.

A história e a religião realizam uma ação de troca e ambas podem proporcionar na construção do conhecimento uma nova forma de discurso histórico ou qualquer outra forma de discurso, isto não distancia a religiosidade de seu viés antropológico, mas doa a ela uma interdisciplinaridade ampla capaz de torná-la múltipla.

A religião também é entendida como um sistema simbólico inserido em um padrão cultural composto de atividades religiosas. Para Geertz (1978) são as disposições e motivações que atribuem às atividades religiosas. O ser religioso está imbricado por uma motivação, por uma tendência que o direciona a ação religiosa, a religiosidade é exemplo de uma motivação, dessa maneira as práticas religiosas entrarão em constantes tendências e persistentes inclinações. Porém, outra perspectiva também possui relação com as atividades religiosas, são as disposições traduzidas como ações não constantes, mas movidas pelas circunstâncias que o indivíduo perpassa.

Nesse sentido, buscando apreender o conceito de motivação explicado por Clifford Geertz, conforme a trilha citada, seguindo as ações moldadas para deter-se e executar determinados atos e sentimentos.

Sabendo que um ser é religioso, espero que ele se comporte de determinada maneira, ou seja, que ele reze muito ou ore, vá à Igreja [missa, culto, ou qualquer cerimônia religiosa], que leia a bíblia, ou seu escrito sagrado, seja caridoso e temente a Deus, faça jejum e rememore os feitos de Cristo. Essas ações são inclinações moldadas para se deter e executar determinados atos e sentimentos. Atos e práticas como as que denotam a existência das rezadeiras, inseridas em espaços inclinatórios de religiosidade, onde desenvolveram suas disposições (GEERTZ, 1978).

O sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade. O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo

real e eficiente e não numa ilusão. Para o homem religioso todo o mundo é um mundo sagrado.

1.1 Manifestação da cultura popular

Conviveu-se durante muito tempo com a bênção e ainda atualmente em algumas famílias a benção é um ato presente nas relações sociais, especialmente, quando a consideramos em seu caráter religioso aparece como um ato cultural sobre o qual a sociedade utiliza como uma estratégia para resolver seus problemas.

Como nos informa Geertz (2008) a benzeção é uma expressão da cultura popular que envolve o desdobramento tanto de aspectos do catolicismo quanto da medicina popular. Essa definição para o qual a cultura deve ser compreendida como uma espécie de texto que, uma vez escrito por nós, revela algo a respeito de nossa cultura, dizendo quem somos. Nesse sentido, o conceito de cultura denota:

[...] um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (GEERTZ, 2008, p. 66).

Os símbolos são percebidos nos rituais de cura que existem em diversas culturas e são marcados por experiências religiosas singulares, possuem diferenciações de acordo as atribuições de sentidos dados pelas comunidades que os criam e recriam, cotidianamente. Então é na cultura que estes símbolos mudam com o tempo, pois ela se forma a partir da incorporação de significados e se faz nas constantes trocas e mudanças. A grande dificuldade reside justamente em apresentar a cultura como um consenso:

[...] tendemos a pensar as formas culturais como algo inteiro e coerente ou inteiramente corrompido ou inteiramente autêntico, enquanto que elas são profundamente contraditórias, jogam com as contradições, em especial quando funcionam no domínio do popular. [...] (HALL, 2003, p. 256).

As formas culturais são vistas de uma maneira distorcida, e assim, concordando-se com Stuart Hall, ao tratar das práticas culturais, que nesse caso são as práticas de cura alternativa, é necessário ter em vista, os contextos sociais e

materiais específicos de cada tempo. Sem, contudo, perder de vista, o processo sempre mutável e cheio de interferências que ajudam a compor as culturas.

Através da expressão cultura popular estamos nos referindo ao conjunto de práticas advindas das camadas dominadas, e da classe pobre, essas práticas devem ser entendidas dentro do contexto histórico-social no qual se formaram e não como simples reminiscências do passado, fragmentos de uma época que simplesmente desaparecerão ao entrarem em contato com o novo, com o moderno, com a civilização.

Assim, a incorporação de práticas populares levou ao catolicismo oficial características específicas, formando o que muitos consideram ser um catolicismo popular, as crenças e saberes de rezadeiras, benzedadeiras e curandeiros só parecem ser aceitas quando o mesmo mantém resguardado as suas crenças.

Na concepção de Xidieh (1967) as manifestações populares, inseridas num conjunto mais amplo, os de cultura popular, devem ser compreendidos em suas relações com outros elementos: “o contexto socioeconômico que se refere à sociedade rústica em transformação e a estrutura sociocultural, em outros termos, a sociedade brasileira”, sendo que se entendermos a sociedade composta por grupos sociais que estabelecem relações de conflito e dominação, logo, a cultura popular deve ser pensada em sua oposição com a cultura que entende-se como oficial, embora essa mantenha relação com os interesses dos grupos dominantes.

Ao sofrer pressões de novos contextos, essa forma de cultura encontra brechas que permitem a acomodação de suas formas de expressão, garantindo a sua continuidade.

Portanto, como cultura que se manifesta, tanto no campo quanto na cidade, a dita cultura popular traz maiores características de um mundo rural portador de particularidades que colaboram para uma maior manutenção dessas práticas, embora seja uma prática dinâmica que se movimenta de acordo com as necessidades.

Silva (2007) expõe uma compreensão de cultura dinâmica, que se modifica o tempo todo, dela participam homens e mulheres, ou seja, o povo, tanto da elite, como não. Com isso aqueles que detinham privilegiada situação econômica recorriam, muitas vezes, as práticas de cura populares para sanar seus males:

[...] É pertinente pensar que a ligação com o divino não é uma prática exercida somente pelas pessoas mais pobres ou iletradas. Na realidade, essa concepção ultrapassa muitas vezes os limites das classes sociais. O que vem diferenciar uma da outra é a forma de apresentação e de significação do ato (SILVA, 2007, p. 124).

Percebe-se então, que o sagrado interfere na orientação da conduta humana, serve de modelo que rege determinado indivíduo em um grupo que também compartilha dos mesmos valores religiosos, sendo, portanto, um fator de interação que une diferentes classes sociais.

As manifestações do sagrado não estão atreladas necessariamente ao reconhecimento da Igreja, mas o sagrado está manifestado em suas práticas sendo reconhecido pelo homem religioso.

A prática da benzedeira não necessita de explicações racionais para exercerem seu ofício: os rituais e as práticas estão respaldados no que Michel de Certeau chama de cultura, afirmando que “para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais, é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aqueles que as realizam” (1995, p. 25).

Assim sendo, compreende-se que são crenças não necessárias de nada além da credibilidade a elas dadas, aos seus rituais de cura, e que existiu em diversas culturas, e podem ser marcados por uma carga religiosa importante e que se percebe sua materialização em práticas de benzeção nas comunidades.

1.2 Religiosidade popular

A cultura de um povo se mantém viva por que é reatualizada em cada momento histórico, a sociedade é identificada a partir das transformações culturais que se processam num determinado espaço e tempo. Assim ela tem o poder de se readaptar ao contexto social. É nesse sentido que Zumthor afirma: “As atividades culturais se diversificam ao mesmo tempo, nas funções que elas preenchem, nos sujeitos que as operam ou no público que a visa” (1993, p.29).

Ao observarmos as rezas populares, notamos que ela não se configura como uma prática que ocupa lugar de destaque na sociedade apesar de dividirem espaço com a medicina oficial. No entanto, as pessoas mesmo que busquem os médicos não deixam de recorrer as rezadeiras, tal fato deve-se a tradição que reside na

memória popular assim como a necessidade de se relacionar com o sagrado. Assim é possível compreender a cultura.

Talvez a melhor maneira de compreender a cultura popular seja estudar a religião. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais da vida e dos seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos (BRANDÃO, 1980, p. 15).

Religião e cultura são indissociáveis de modo que para compreender uma é necessário recorrer à outra. Ainda que carregada de significações, a religiosidade é transmitida de geração em geração mesmo com funções e finalidades que podem variar de uma cultura para outra. A alternância entre as religiosidades é inevitável, pois o mesmo integrante que obedece as doutrinas eruditas, também se utiliza de algum modo da religiosidade popular.

Portanto, independentemente do lado em que a religiosidade esteja erudita ou popular, o discurso religioso sempre remeterá ao sagrado, e seus significados estarão relacionados à formação ideológica do homem.

A partir de relatos orais podem ser identificadas diversas práticas de curas, crenças e saberes mantidos pela sabedoria popular na comunidade de Monsenhor Hipólito, pois as práticas de cura devem ser percebidas como uma expressão cultural de um grupo social.

Essas técnicas de restabelecer a saúde de um indivíduo por meio das rezas e benzimento estão bem articuladas nas experiências do cotidiano no seio da população hipolitana. São hábitos, práticas e costumes constituintes da identidade social. As práticas e manifestações religiosas emergem no meio das nuances culturais como indicativo de identidade de um grupo guardado na memória popular e da constituição de um dom a partir da experiência cotidiana.

1.3 O dom

O benzimento é uma prática que retoma tempos antigos. Podemos identificar em pleno século XXI, que diversas práticas curativas, crenças e saberes, ainda estão presentes nas cidades, vilas e povoados do Brasil. Embora essas práticas de cura tenham perdido espaço com a introdução da medicina tradicional, ainda é

praticada por benzedeiras e rezadeiras que ao longo do tempo vem preservando e mantendo através de suas memórias, práticas e vivências misturando as raízes europeias com as indígenas e as africanas.

Pollak (1992) acredita que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, para isso o indivíduo portador de inúmeros elementos que formam a sua individualidade é dotado de um sentimento de coerência que unidos a outros sentimentos faz surgir à união efetiva e assim emergir o sentimento de identidade coletiva.

As rezadeiras e benzedeiras veem a reza como um dom divino que acreditam ser o ofício um dom de Deus, uma espécie de recompensa celestial. Ao mesmo tempo se consideram intermediárias entre Deus e as pessoas na terra, lugar profano, marcado por intermediações, por relações de dependência entre os deuses e os seus súditos:

Aliás, se é verdade que o homem depende de seus deuses, a dependência é recíproca. Também os deuses têm necessidade do homem: sem as oferendas e os sacrifícios, eles morreriam. Teremos ocasião de mostrar que essa dependência dos deuses em relação a seus fiéis mantém-se inclusive nas religiões mais idealistas (DURKHEIM, 1996, p.21).

As portadoras desse poder recebem algumas denominações: curandeiras, benzedeiras e rezadeiras. No entanto, essas mulheres no decorrer da história já foram tidas como bruxas e feiticeiras. Foram perseguidas e vítimas da oposição.

O processo de produção e de reprodução do saber da benção é o mesmo que mantém viva e sólidas as formas e questões substantivas pelas quais as benzedeiras resistem à opressão feita pela classe dominante. E como cria alternativas para a experiência religiosa e médica, ainda que muitas vezes as exprima sobre formas conformistas, resignadas e fatais (OLIVEIRA, 1985, p. 45).

Para as rezadeiras o dom é tido como recompensa de Deus. A vida religiosa dessas mulheres rezantes é iniciada na infância, o dom se constituiu somente a partir da primeira reza ou cura que a dádiva foi concedida e logo depois compartilhada. Considerando a primeira reza como sendo o ritual de iniciação de uma rezadeira, é através desse primeiro momento que a vida religiosa da senhora como rezadeira entrará em construção para ser fundida no cotidiano:

A passagem implica, com efeito, uma verdadeira metamorfose. É o que demonstram particularmente os ritos de iniciação, tais como são praticados por uma quantidade de povos. A iniciação é uma longa série de cerimônias que têm por objeto introduzir o jovem na vida religiosa: ele sai pela primeira vez do mundo puramente profano onde transcorreu sua primeira infância para entrar no círculo das coisas sagradas (DURKHEIM, 1996, p 22).

O reconhecimento do ofício pela comunidade onde a benzedeira está inserida é fundamental para legitimar sua prática religiosa e de cura, porque nesse momento de transição ela passará a exercer uma ação social e religiosa, passará a ser vista de outra maneira pela comunidade. O momento da passagem é uma metamorfose na qual há a iniciação ao universo sagrado saindo do estado profano sendo reconhecida e identificada como rezadeira, porque a imagem e a representação já se estabelecem com os primeiros ritos, as vivências estabelecidas através do sagrado acabam tornando estas manifestações significativas para aqueles que as praticam. O dom a partir de então é reconhecido não somente pela própria senhora, mas também por toda a comunidade onde desenvolveu a vida religiosa.

É a fé na divindade que possibilita a cura e não a benzedeira em si, por isso elas são intermediárias entre o sagrado e o profano e o seu reconhecimento e sua identidade provém do grupo social de origem. Oliveira esclarece a importância do reconhecimento da comunidade onde atua:

Não basta apenas que a própria benzedeira reconheça a existência de um dom na sua vida. É necessário também que a própria comunidade onde ela mora, onde atua, seus vizinhos, sua família, as pessoas que lhe são chegadas partilhem com ela desse momento singular. É necessário que essas pessoas queiram que tal dom exista, que a elejam como uma pessoa especial, capacitada, dotada de poderes sobrenaturais [...] (OLIVEIRA, 1985, p. 39).

Nesse sentido, como ressalta o autor, a prática da benzeção é uma prática social reconhecida pelo grupo de pertencimento da benzedeira. Além de social ela é política, porque oferece uma forma de combate à tragédia ou à doença dentre outras opções de solução. Dessa forma, as rezas populares continuam fazendo parte do contexto sociocultural, ou seja, as pessoas ainda recorrem as rezadeiras para serem curadas. Esse reconhecimento pelos rezados faz com que o dom se concretize. É aí que entra em confronto a medicina popular contra a medicina erudita, que esta discursa com a forma verdadeira de cura na sociedade, relegando à outra a

marginalidade, mas não deixam de ir ao médico. A tradição das rezas populares continua na memória do povo, principalmente pela necessidade de manter a relação com o sagrado.

Quanto ao aspecto religioso, à prática não é vista com bons olhos pela Igreja Católica. Como salienta Oliveira:

O ofício da benzeção sintetiza um dos momentos concretos e possíveis em que aparece o confronto popular / erudito, onde a benzeira antagoniza o seu conhecimento ao do médico e ao dos padres. O ofício da benzeção é um dos momentos em que a benzeira propõe uma releitura da religião e da medicina [...] (OLIVEIRA, 1985, p. 74).

A sacralização das manifestações das rezadeiras não está atrelada somente ao reconhecimento institucional da Igreja, mas o sagrado está manifestado em suas práticas sendo reconhecido pelo homem religioso. E é nesse confronto que as benzeiras assumem um papel político, à medida que sua prática produz resposta às necessidades de homens e mulheres que não encontram na religião e na medicina oficial e, por isso, sofreram as consequências de seu ofício, como diz Priore:

A naturalidade e a intimidade com que tratavam a doença, a cura, o nascimento e a morte tornavam-nas perigosas e malditas. Com a acusação de curandeirismo, eram duplamente atacadas: por serem mulheres e por possuírem um saber que escapava ao controle da medicina e da Igreja [...] (PRIORE, 2007, p. 108).

As pessoas recorrem a diversos recursos e estratégias em busca de cura para seus males, desse modo podemos perceber que diversas práticas de cura resistem e disputam espaço nos centros urbanos com as práticas oficiais não sendo a única opção de cura para o doente.

Atualmente, no entanto, essas mulheres não sofrem perseguições, o dom por elas recebido está diretamente ligado à linha da solidariedade, a vontade de ajudar o próximo, sendo isso tudo embasado para compor a missão que a rezadeira se propôs seguir. As rezadeiras através de seus rituais de cura são um exemplo de que o religioso supria uma necessidade social, assim compartilhar o dom com os outros, é não negar a dádiva que por direito foi adquirido.

Esse aspecto é um fundamento importante que caracteriza o ofício da reza como sendo um dom é a questão da gratuidade, a não cobrança pela cura. Essa relação de gratuidade se sustenta pelo fato de que o sagrado não pode ser comercializado e sim doado, o dinheiro desmistifica e descaracteriza a prática da reza como dom de Deus, assim o seu dom é um instrumento a serviço do bem e orientação espiritual na hora da dor.

As benzedeadas continuam praticando o seu ofício, ainda que reinventado, mas sempre resistindo a uma sociedade que pretende homogeneizar a cultura, esquecendo toda a diversidade constituída historicamente ao longo do tempo, sempre prontas a intermediar as pessoas que a procuram com o sagrado, restaurando a saúde fragilizada e produzindo respostas alternativas às que o saber oficial produz, agindo assim politicamente e revelando que as práticas populares, longe de serem sem valor, funcionam tanto quanto as práticas médicas e religiosas oficiais.

2 RELIGIOSIDADES NO CONTEXTO BRASILEIRO

No Brasil Colonial, a religiosidade católica é vivenciada por um sincretismo¹ religioso ampliado do catolicismo europeu, mesclada por arranjos religiosos que aqui existiam de negros, índios e portugueses, que unem práticas de religiosidade que já estavam enraizadas no cotidiano do povo brasileiro, adquirindo diversos elementos religiosos que possibilitaram o surgimento do catolicismo imperfeito difundido de maneira constante na cultura e no sentimento de religiosidade do povo.

Mas a compreensão que pode se chegar é que a religiosidade nas relações familiares, os costumes, formas de construções das relações sociais, práticas profissionais, táticas de sobrevivências são aspectos estudados pela nova historiografia referente ao período colonial.

As formas de religiosidade popular praticadas no período colonial brasileiro como ressalta Laura de Melo e Sousa em “O Diabo e a Terra de Santa Cruz”, nos mostra como a colonização portuguesa foi importante para a introdução do sincretismo nas manifestações religiosas coloniais. Amparadas no catolicismo incorporado em terras brasileiras, denominado pela pesquisadora de catolicismo “imperfeito”, a princípio foi implantado pelos jesuítas, sob o comando da coroa portuguesa que conseguiu inserir o cristianismo no Brasil, como conta a nossa história brasileira.

E mesmo com uma grande variedade de etnias e de crenças, todas elas foram acomodadas à organização política e jurídica do Estado unido à Igreja Católica, segundo o autor Gilberto Freire (2006, p. 92) “o catolicismo foi realmente o cimento de nossa unidade”.

Notou-se que tais exercícios, quando não tinham o reconhecimento e nem autorização da Igreja Católica, eram perseguidos e combatidos pela Igreja, pois essas concepções religiosas eram distintas do catolicismo. “Em 1499, D. Manuel determinava que, juntamente com os feiticeiros, os benzedores fossem ferrados com um F em ambas as faces”. (SOUZA, 1986, p. 184).

Como sugere Souza (1986) em Portugal, já existiam práticas de benção que provavelmente se manifestariam no Brasil Colonial, e aqui incorporaram

¹ O termo sincretismo é utilizado por Laura de Melo e significa mistura de crenças. SOUSA, L. de Melo. **O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial.** São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

elementos da dinâmica cultural existente nesse período. Também era período em que o convívio de várias práticas curativas contribuiu significativamente para a formação da arte médica colonial brasileira. Esta arte médica advinda do reino português para a colônia, compartilhando conhecimentos e experiências com a prática de curar de colonos, africanos e indígenas, originou uma arte de curar tipicamente colonial.

Em meio a uma escassa literatura que trata da prática da benzeção no Brasil, o que não significou dizer que elas não existissem, ao contrário, Laura de Mello e Souza afirma que:

Nos tempos coloniais, a documentação fala muito pouco dos benzedores. Fica difícil dizer se realmente eram escassos ou se a Inquisição, as devassas episcopais e os demais poderes se importavam pouco com eles. Como o hábito de benzer perdura ainda hoje entre nós, a segunda hipótese parece ser a mais provável (SOUZA, 1986, p. 184).

Segundo Ribeiro, (1997, p.16), os fatores que propiciaram o seu desenvolvimento foram “a precariedade da vida material, marcada pela raridade de médicos, cirurgiões e produtos farmacêuticos, e o sincretismo dos povos”, responsáveis pela formação distinta e afeita ao universo da magia, da ilusão.

Pode-se destacar a frágil presença na vida religiosa comunitária da colônia brasileira, não havendo uma frequência ou regularidade na prática religiosa, pois a colônia não dispunha de tão numerosos templos, pastores e festividades sacras como a metrópole.

Para Luiz Mott (2010), esse aspecto da ausência da vida religiosa contribuiu para os desvios das práticas religiosas, e:

Aqui, muitos e muitos dos moradores passavam anos sem ver um sacerdote, sem participar de rituais nos templos ou frequentar os sacramentos. Tal carência estrutural levou de um lado à maior indiferença e apatia de nossos antepassados ante as práticas religiosas comunitárias, do outro, ao incremento da vida religiosa privada, que, na falta do controle dos párocos, abria espaço para desvios e heterodoxias (MOTT, 2010, p. 163).

E com o surgimento do cristianismo trazendo a proposta de ser uma religião universal, mas o mundo tinha particularidades, sobretudo religiosas.

Atrelado ao cristianismo, a sacralização das manifestações das rezadeiras está não somente ligada ao reconhecimento institucional da Igreja, mas o sagrado está manifestado em suas práticas sendo reconhecido pelo homem religioso.

Este cenário possibilitou o surgimento de práticas religiosas já existentes entre índios, negros e brancos, apesar da hierarquia católica sempre ter se oposto a todas as religiões não cristãs, considerando-as como idolatria, superstição e feitiçaria. Tais práticas puderam emergir uma vez que o catolicismo implantado necessitava desse intercâmbio com outras religiosidades.

No momento, o cristianismo era caracterizado por:

[...] um profundo desconhecimento dos dogmas, pela participação na liturgia sem a compreensão dos sentidos dos sacramentos e da própria missa. Afeito ao universo mágico o homem distinguia mal o natural do sobrenatural, o visível do invisível, a parte de toda imagem da coisa figurada (SOUZA, 1986, p. 91).

Mas foi a partir do século XVII, que a Igreja Católica passou com maior intensidade a se preocupar com a evangelização dos colonos, na tentativa de conter a influência do padroado nas regiões colonizadas, estabelecendo jurisdições religiosas em várias partes do território brasileiro.

Souza (1986) sugere que entendamos que a Igreja não possuía uma unidade cristã que caracterizasse um controle da instituição sobre o povo, essa fé era cumprida de maneira sincrética e o Concílio de Trento tentou extinguir, contudo sem sucesso, uma vez que as diversas práticas de religiosidade já estavam firmadas no cotidiano do povo brasileiro, adquirindo diversos elementos religiosos que possibilitaram o surgimento do catolicismo imperfeito.

No Brasil, o sincretismo religioso era inevitável, na Europa, ele era uma realidade bem atuante, a Igreja Católica, apesar de obter um contato direto, não conseguiu impedir, pois muitas manifestações religiosas pagãs ainda existiam nas reminiscências do povo europeu, foi possível perceber um universo de religiosidade bem mais amplo que aquele conhecido pela Igreja Católica no mundo Europeu, o contato com esses povos fez nascer à noção de costume religioso.

De acordo com Vera Irene Jurkevics (2004) a religiosidade popular nos ajuda a compreender as práticas religiosas a partir das devoções e manifestações de religiosidade, destacando como se dão os aspectos dessa devoção entre os santos da igreja e os santos do povo.

A devoção na Igreja Católica esteve presente, mas as discussões no que se referem à escravidão no Brasil foram ausentes no cotidiano da instituição, não se posicionando contra essa prática, já que o ideário de libertação não fazia parte dos seus princípios. Esta ausência justificava-se pela:

[...] subordinação eclesiástica ao Estado brasileiro que, por sua vez estava assentado no tripé Coroa- latifúndio- escravismo e que delegava à Igreja apenas as funções pastorais de catequizar os escravos e animar sua vida religiosa [...] Assim, a Igreja imperial tinha poucas condições de contribuir com as questões sociais do Brasil, tendo em vista sua própria crise institucional (JURKEVICS, 2004, p. 37- 38).

O direcionamento da Igreja Católica passou a ser de controlar as manifestações religiosas que não se enquadravam dentro dos limites permitidos pela doutrina. Apesar de todo o desinteresse pela compreensão das práticas de cura desenvolvidas, sobretudo por africanos e indígenas, ainda na atualidade encontramos em diversas cidades brasileiras pessoas que praticam o ato da benzeção.

As benzedeadas são sujeitos que carregam significações e representações, que são ao mesmo tempo “médicas populares” e detentoras de orações, seja, para curar doenças, livrar de mau-olhado, quebranto, dentre outros objetivos. Foi assim, que as pessoas que as procuravam as viam, pois estas práticas resistiram a longos anos de perseguição pela Igreja Católica, que por várias vezes tentou eliminar as diversas práticas religiosas que não condiziam com a religião oficial Católica.

Mas, o que pode-se entender é que as práticas e manifestações religiosas emergem no meio das nuances culturais como indicativo de identidade de um grupo guardado na memória popular, e que o restabelecimento da saúde pode ser atribuído a outros fatores, no entanto, a crença na benzeção faz com que esses sujeitos atribuam a sua fé grande importância. Tais rituais de cura e rezas estabelecem um caráter social entre a rezadeira e a comunidade onde ela reside, criando uma relação de troca: trocas de sentimento, trocas de confiança, de respeito e de amizade caracterizando a existência da sociabilidade.

Segundo Oliveira (1985, p. 10) “o ato de benzer significa um ato de chamar sobre a pessoa benzida a bênção do céu”, então caracterizado como um ato de súplica, de imploração, de pedido aos deuses para que eles produzam benefícios aos mortais. Podendo ser compreendido na bênção como um instrumento pelos

quais os homens produzem serviços e símbolos de solidariedade para si e para os sujeitos da classe social da qual fazem parte.

Oliveira (1985, p. 10) fala que a bênção tem sentido múltiplo e, pode estar presente na vida de distintos indivíduos, que os:

(...) pais benzem filhos, tios benzem sobrinhos, (...) Qualquer profissional do sagrado, seja padre, capelão, rezador e rezadeira de terços, de ladainhas ou de outros tipos de reza, benzedeadas, e até parteiras, todos benzem.

Essas mulheres, as benzedeadas estabelecem um elo entre o ser humano e o sagrado, devendo conservar o ritual de preces, cruz e fórmulas. Elas são consideradas, por aqueles que buscam alívios para suas doenças, como cientistas populares, misturando o mundo místico e os conhecimentos curativos das plantas.

Como se pode caracterizar uma benzedeadada, segundo Oliveira (1985), como sendo sempre uma mulher casada, mãe de alguns filhos, pobre, que domina as rezas e ervas e faz massagens, cataplasma e chás.

Pode-se entender que as rezadeiras ou benzedeadas são mulheres que realizam as benzedeadas, repletas de sensibilidades, de atitudes de acolhimento para com aqueles que chegam a sua casa, em geral outras mulheres, acompanhadas de seus filhos ou parentes próximos em busca da reza com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material e espiritual das pessoas que buscam refúgio aos seus problemas.

No aspecto religioso, a maior parte das benzedeadas recorre aos conhecimentos do catolicismo, sempre religiosa e, guardam consigo as representações que a religião propicia através das rezas acrescidas a recitação de orações oficiais da Igreja Católica, tais como o Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha, Credo; e de gestos, onde utilizam em seus rituais ramos verdes, gestos em cruz feitos com a mão direita, agulha, linha e pano. Estas podem ser executadas na presença do rezado, ou à distância. Em seu ofício, de amplo reconhecimento, essas mulheres rezam os males de pessoas, animais ou objetos, bastando apenas que alguém diga os seus nomes e onde moram.

As agentes das práticas de cura, as benzedeadas, para exercerem seu serviço dão importância à ideologia mágica e religiosa da cura. Oliveira (1985) sugere que a benzeção é uma prática e representação do catolicismo popular. Segundo este autor o objetivo desta prática é reproduzir a cura para as doenças tidas como incuráveis

que se manifestam em pessoas ou animais decorrentes de mal olhado, de violação de um interdito ou de uma maldição.

As manifestações das rezadeiras são exemplos do sincretismo religioso implantado no Brasil e manifesta-se de diversas formas. Cada rezadeira exerce seu rito de maneira bem particular iniciando sempre através do aprendizado das primeiras rezas com o seu referido mestre de reza. Isto caracterizava a existência de uma sociabilidade muito comum no dia-a-dia dessas pessoas.

Presente em várias partes do país, no entanto, é no Nordeste brasileiro que temos uma dinâmica cultural específica e extremamente recorrente característica desta região com diferentes concepções e apropriações do sagrado. Na literatura que trata sobre desse tema são encontradas várias formas de definir essas mulheres que rezam.

Câmara Cascudo, ao estudá-las descreve em seu Dicionário do Folclore Brasileiro: “Mulher, geralmente idosa, quem tem poderes de cura por meio de benzimento”. (CASCUDO, 2001, p. 587). Mostra também que a figura da mulher é marcante nesse tipo de prática, o que vai ao encontro da afirmação dada pela historiadora Beatriz Weber (1999), em estudos realizados no Rio Grande do Sul, no período de 1889 a 1928: “as mulheres exerciam um papel fundamental em relação aos cuidados com a saúde, tanto na família como na vizinhança, surgindo como figuras mais atuante”. (WEBER, 1999, p. 190).

Mary Del Priore (2007), no artigo “Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino” traz dados históricos significativos que ajudam na compreensão da prática das rezadeiras durante o período colonial. Nessa época, devido à falta do profissional médico, as mulheres recorriam às curas informais por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais, para restabelecer a saúde. Além desses conhecimentos, “havia os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e as cerimônias indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira”. (DEL PRIORE, 2007, p. 89). Prossegue a autora dizendo que “conjurando os espíritos, curandeiras e benzedoras, com suas palavras mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos”.

Nesse contexto, podemos perceber o caráter místico que a religião adquiriu, mesmo com todas as medidas adotadas pela igreja no sentido de reafirmar suas ortodoxias e sua total hegemonia.

2.1 Contexto da Religiosidade no Piauí

A religiosidade piauiense esta ligada inicialmente a passagem dos missionários cristãos a partir do século XVII. Em parceria com o reino português, os jesuítas foram os pioneiros na divulgação da fé cristã no Piauí, o qual foi decisivo para sua colonização, assim a presença da Igreja Católica foi importante no processo de formação histórica e social piauiense, o que nos ajuda a compreender como os traços de nossa religiosidade atual começaram a se desenvolver e se concretizar em nosso território.

O catolicismo veio ao Brasil sob a proteção do Estado português, apossando-se de terras e tentando distribuir aos nativos as noções do Cristianismo que por muito tempo, mesmo após a independência, exerceu influência nas decisões da Igreja Católica do Brasil. O seu caráter predominante remonta ao período colonial que age em nosso território como um elemento aglutinador, mesmo que tenha sido imposto de forma vertical, de forma que acaba permeando o aspecto social de nossa religiosidade.

Em 1696 foi criada a Freguesia da Mocha, hoje cidade de Oeiras, antiga capital do Piauí. No Piauí, a religiosidade católica fez parte da emergência política e cultural da Província e os laços entre religião e ações administrativas, ao longo do tempo, foram conquistadas, sobretudo por aqueles que compõem a elite do lugar.

A autora Tanya Maria Pires Brandão (1999) aproxima-se do tema religiosidade e elucida para tanto que, no que concerne ao território piauiense, à penetração se deu por volta do século XVII, quando foram organizadas expedições militares e religiosas, objetivando conhecer e pacificar a área.

As primeiras ações de cunho religioso ficaram por conta dos jesuítas em parceria com o reino português, que serviram de base para a colonização no Piauí. No que se refere aos indígenas, temos o trabalho de apresamento pelas aldeias, nas missões jesuíticas agrupavam-se os indígenas que passavam a receber tanto os ensinamentos religiosos, como aqueles que possibilitavam habitá-los para o trabalho compulsório (BRANDÃO, 1999, p. 48). Segundo Brandão.

No que bem mostra a experiência no que é preciso assistência dos padres missionários e porque, por estes meios, se puderam trazer muito (índios), ao grêmio da Igreja e os benefícios temporais puderam também conduzir muitos para esta empresa tão sacro-

santa [...] e por se ter por mais certo que será isto um instrumento muito eficaz para os reduzir ao caminho da verdade sendo sobre as doutrinas que se lhes prega. (BRANDÃO, 1999, P. 48).

O religioso procurou representar o indígena como frágil e desprotegido, e que a doutrina cristã poderia servir como elemento integrador do selvagem às condições de civilidade, Padre Cláudio Melo e Monsenhor Cícero estabelecem menções às ações dos colonizadores em relação aos indígenas no processo de povoamento e à relevância dos jesuítas na proteção aos nativos.

São contundentes as posições de ambos sobre o papel hostil que o colonizador implantou sobre as civilizações indígenas, agindo com violência, desprezo e atos abusivos sobre as mulheres nativas.

Essa dizimação das populações indígenas piauienses provocou segundo as análises de Padre Cláudio Melo, uma defasagem no contingente da população nativa do Piauí, que conseqüentemente provocou a irrelevante participação da cultura indígena na composição do corpo social da província: “Poucos dos nossos índios foram assimilados à nossa cultura; a maioria foi expulsa ou exterminada nas guerras que lhes fizeram os brancos”. (MELO, 1983, p. 39).

As afirmações de Padre Cláudio Melo levam-nos a pensar em algumas hipóteses, no que se refere à contribuição da cultura indígena na religiosidade piauiense. Por permanecerem longínquos por demais na memória do povo, há uma falsa impressão de que os índios não tiveram importância em vários aspectos da cultura piauiense.

O Brasil caracterizou-se por desenvolver um catolicismo sincrético, como afirma Laura de Melo e Sousa, a religiosidade brasileira, principalmente no contexto colonial, foi composta, sobretudo, pelos elementos religiosos das três etnias, cultura marcada por um sincretismo que se portava como o fator de religiosidade. E ao adentrar em espaço piauiense incorporaram esse sincretismo de diversas formas, em especial podemos destacar as manifestações das rezadeiras que se configuram de forma significativa para os que praticam.

O historiador Higinio Cunha acredita em um hibridismo racial consolidador que fez eclodir uma nova forma de ser do piauiense, as mesclagens étnicas constantes ao longo do tempo proporcionou o surgimento de um novo tipo, que aos olhos de Higinio Cunha, aparecem descritos de maneira minuciosa, construindo um pequeno retrato do povo piauiense, efetivação das raças em nossa cultura. Um povo

diferenciado com elementos culturais diversos que respingaram na religiosidade católica, fator comum no povo piauiense.

Os portugueses, que já eram o resultado da mistura de muitas raças no vasto laboratório do sul da Europa e do Mediterrâneo, vieram a cruzar, no Brasil, com outros povos antropológica e etnograficamente distintos, formando e amalgamando uma nova raça histórica, que vai surgindo na incúde e no cadinho dos séculos (CUNHA, 1924, p. 102).

Assim percebemos uma religiosidade católica motivada por símbolos, sentimento de proteção e intermediação com o sobrenatural, característica presente até os dias de hoje em nossa sociabilidade, já que para os homens religioso “a existência humana só é possível graças a essa comunicação permanente com o céu” que este acredita fazer através de práticas de devoção, o que deve reestabelecer este contato tão supremo para a vivência deste homem religioso, como analisa Mircea Eliade, (1992, p.36) em sua obra “O sagrado e o Profano: A essência das religiões”.

Com o objetivo de intermédio com o divino, bem como, sendo outra forma de encontro social, o culto aos santos e as festividades do calendário religioso tinham grande importância na província piauiense naquele período. A festa do padroeiro congregava pessoas, que depois da missa se reúnem em quermesse para rever amigos, conversar práticas que ainda existem no cotidiano do ser religioso e que ajudam a compor a sociabilidade deste povo.

O historiador Alcebíades Costa Filho (2006), em seu trabalho “Atividades econômicas e sociedade”, faz uma relação entre as questões econômicas e a organização social piauiense, e descreve um dos rituais de maior representatividade popular, “a festa do padroeiro de cada município”.

Este era um motivo das pessoas das vilas ou cidades se encontrarem, a cada dia as pessoas se reuniam em volta da igreja para a quermesse. Nas fazendas, também se realizavam as novenas. Em algumas havia capela, mas o comum eram os oratórios, armários com imagens religiosas, que no período da novena, eram colocados na sala principal de cada casa para a adoração. No geral, oito dias antes do dia dedicado ao santo realizavam encontros religiosos com rezas e cantos. O nono dia, a derradeira noite da novena, era esperado com ansiedade; havia festa dançante, com farta distribuição de comidas e bebidas (COSTA FILHO, 2006, p. 59-60).

Dentre as expressões culturais, as manifestações religiosas são fortes características do povo piauiense, relacionadas às festividades e outras sociabilidades. Com este relato podemos perceber como as práticas religiosas influenciavam de forma considerável as relações de sociabilidade, bem como regulava o pensamento e o comportamento da população, além de identificar características comuns às festas de padroeiros realizadas atualmente em nossa sociedade.

2.2 Desenvolvimento histórico e religioso de Monsenhor Hipólito-PI

A cidade de Monsenhor Hipólito está localizada no sudeste do Piauí, distante de Teresina, a capital do Piauí cerca de 400 km. Nascida da antiga Fazenda Riachão, por volta do final do século XIX, um pequeno aglomerado urbano que possui uma área territorial de 401,433 quilômetros quadrados, onde vivem, segundo os dados do IBGE (2010), uma população estimada de 7.391 habitantes por quilômetros quadrado, pertencente à microrregião de Picos, tendo como limites ao norte o município de Pio IX, ao sul Campo Grande do Piauí, a leste Alagoinha do Piauí, e a oeste Francisco Santos.²

Segundo o Advogado Miguel Bezerra (2007), os fundadores da Fazenda Riachão foram Vitor Avelino de Sousa, Izidro Pereira Bezerra e Antônio dos Anjos. Vitor Avelino foi casado com Ana de Jesus Batista (mais conhecida como Aninha do Juá, que era tia-avó do Padre Cícero Romão Batista, do Juazeiro, o famoso “Padim Ciço”). Aninha viveu cerca de 105 anos. Vitor Avelino de Sousa era natural de Novo Exu, Estado de Pernambuco, e migrou para o Piauí junto com o irmão Vicente de Sá Ferreira, situando-se no Gronhão, localidade do então povoado Riachão, que tinha parentesco com a família de Francisco de Sá Camarço, parente consanguínea de Perciliana de Sá, filha de Antônio Vieira de Sá e esposa de José Alves Bezerra, mais conhecido como “Zezinho Bezerra”, que se tornou patrono fundador de Monsenhor Hipólito.

De acordo com Miguel Bezerra (2007), a primeira tentativa de emancipar o povoado Riachão em cidade ocorreu no ano de 1954, por iniciativa de José Alves

². Disponível em: <http://www.cepro.pi.gov.br/download/201105/CEPRO03_7e0320c100.pdf>. Acesso em 06/08/2014.

Bezerra, mais conhecido como “Zezinho Bezerra”, um dos chefes políticos do município de Picos, que era filho de Riachão. Vereador em duas legislaturas lançou então o projeto na Câmara de Vereadores de Picos, sendo este aprovado em primeira instância. Porém, com as proximidades das eleições daquele ano, e sendo Riachão, mesmo que pequeno, um reduto de votos considerável, os chefes políticos, principalmente os do Partido Social Democrático (PSD), interessados nos votos daquela zona eleitoral, já que o povoado de Riachão era um dos redutos políticos do então partido, os políticos do PSD fizeram de tudo para retirar da pauta de votações o projeto de emancipação do povoado de Riachão em cidade. Desejavam discuti-lo somente para depois das eleições daquele ano, afastando mais ainda a chance de emancipação política do povoado, muito a contra gosto dos habitantes do povoado. O projeto foi então retirado.

De acordo com o primeiro plano, o povoado de Riachão seria emancipado e transformado em município abrangendo a fazenda de mesmo nome e as fazendas de Jenipapeiro e de Rodeador, ambas do município de Picos. Em novembro de 1956, de volta à cidade de Picos, José Alves Bezerra, auxiliado pelo filho Virgílio de Sá Bezerra e de seu genro Manoel Alves Bezerra, foram à luta pela emancipação do povoado Riachão mais uma vez. Outro projeto foi então introduzido na Câmara de Vereadores de Picos, no entanto, dessa vez sob autoria do vereador Ângelo de Maria Bezerra, vereador eleito por Riachão.

Os representantes entraram com o projeto de emancipação do povoado, englobando apenas Riachão, e uma pequena faixa de terra da fazenda Jenipapeiro. No dia 30 de novembro de 1956, a Lei Nº 1.445 cria o município de Monsenhor Hipólito. De acordo com a lei acima, o município de Monsenhor Hipólito foi instalado no dia da festa de sua Padroeira, Santa Ana, em 26 de julho de 1957. Segundo depoimentos relatados pelos habitantes mais velhos da cidade, como o de Ana de Sousa Bezerra, os logradouros que formavam o povoado de Riachão, antes da sua emancipação política no ano de 1957, foram: Juá, berço da formação de Riachão, Saco Cercado (pertencente à Izidro, um dos fundadores do povoado); Várzea Grande (de Carlos Hipólito, pai de João Hipólito, que daria nome a cidade anos depois); Canto dos Hipólitos; Outro Lado do Rio (assim como era chamado o povoado que se situava na margem esquerda do rio Riachão, onde residia Manoel Rodrigues – Bento Rodrigues nomeado primeiro prefeito da cidade em 1957),

Barrocas; Lagoa Dantas; Gronhão, dentre outros povoados que fizeram parte desses primeiros anos dessa região.

A padroeira do então povoado de Riachão é Santa Ana, que desde muito antes de se formarem as primeiras aglomerações de casas, já havia sido escolhida para ser a padroeira e protetora da futura cidade.

Segundo consta na obra de Miguel Joaquim Bezerra, para a construção da primeira capela na cidade, foi doado um terreno de 100 braças de terra em quadro, partindo do ponto de demarcação do centro da capela, medindo para cada lado, 50 braças no ponto mais alto da cidade, mais o cavaleiro do rio, portanto inatingível pelas inundações do mesmo (BEZERRA, 2007, p. 161 -162).

Terreno este pertencente a Carlos Hipólito Ferreira e sua mulher Isabel Maria da Conceição, no dia 07 de agosto de 1907. Tomando a partir desta data a construção da Capela devotada a Santa Ana. A construção da capela teve início por volta do mês de novembro, tendo à frente da sua empreitada Joaquim Pereira Bezerra, bisneto do fundador da cidade. Apenas levantada, sem recoberto ou coisa assim, sendo que as igrejas mais próximas do povoado de Riachão eram a igreja da cidade de São Julião, (situada a 6 léguas de Riachão), a igreja de Bocaína (situada a 6 léguas de Riachão), a de Jaicós (a 10 léguas), a igreja de Picos (a mais de 15 léguas) e a de Pio IX (a 12 léguas). Riachão começa então a ser mais habitado, devido principalmente ao rio que cortava a cidade, e já não era por falta uma capela para melhor assistência dos seus fiéis (BEZERRA, 2007).

No dia 25 de dezembro, na festa de Natal, o então Sacerdote João Hipólito de Sousa Ferreira, vindo até a terra de seus pais, celebrou a primeira missa na Capela de Santa Ana, havendo uma grande participação de pessoas, tanto do povoado, como de povoados vizinhos, que foram prestigiar a primeira missa realizada na Capela. Em fevereiro de 1908, há a conclusão na construção da Capela. A construção do Altar foi feita no ano de 1910 e a sacristia em 1934 (BEZERRA, 2007).

A primeira benção dada à Capela de Santa Ana aconteceu no dia 4 de outubro de 1908, pelo Padre Francisco Alves Teixeira, então vigário da cidade de Jaicós. A imagem de Santa Ana foi confeccionada por Vicente Dias, na cidade do Crato, estado do Ceará. A imagem feita de madeira chegou ao povoado Riachão danificada devido a contratempos na viagem, recebendo a benção litúrgica juntamente à Capela. Em 1910 Vicente Dias visitou o povoado a fim de fazer

retoques necessários à imagem de Santa Ana, na ocasião, o mesmo artista também pintou o altar e a capela (BEZERRA, 2007).

A capela de Santa Ana passou por uma reforma no ano de 1956, sendo que no ano de 1976 com o início de sua demolição houve protestos por parte do povo em geral, que queria manter a estrutura original da Capela, sendo pedido que esta passasse apenas por mais uma reforma de cunho estrutural, já que a Capela não corria risco de desabamento. Com a participação da comunidade, mesmo a contragosto, foi construída uma nova Capela, totalmente diferente da anterior. A nova Capela foi abençoada pelo Bispo Diocesano de Picos, Dom Augusto Alves da Rocha, no dia 17 de julho de 1985, dando início aos festejos religiosos daquele ano (BEZERRA, 2007).

A Religiosidade, fator muito significada para os hipolitanos, foi aspecto determinante que influenciou na escolha do dia da emancipação da cidade onde planejou-se fazer o ato no mesmo dia em que o povoado Riachão fazia 50 anos de devoção à Santa Ana. A escolha para Santa Ana ser a padroeira do povoado, partiu de Joaquim Pereira Bezerra, que teria sugerido a Santa para homenagear Ana Rosa de Jesus, Aninha do Juá, uma das primeiras protagonistas no processo de fundação do povoado, homenagem essa bem aceita por todos os habitantes da região (BEZERRA, 2007)

Em Monsenhor Hipólito, as demonstrações de religiosidade tem ampla aceitação e possuem uma significância no que se refere às práticas sociais, suas ações ainda resistem às transformações e as modernizações. E a resistência existe em consequência do significado constituído e pelos saberes que são experimentados e revelados através de um conhecimento que tradicionalmente consolidou-se e permeia o cotidiano dessas pessoas, adequado que uma manifestação religiosa necessita para vigorar como cultura.

Este saber tradicional pode ser desvelado através da prática, exercida como instrumentos de cura. Essa dinâmica pode ser percebida em relação às mulheres rezadeiras e suas práticas e as populações que com elas compartilham vivências, saberes e estratégias de prática dos rituais em nossa cidade e protagonizam a permanência de costumes antes muito comuns em nossa sociedade. Nesse sentido se torna relevante observarmos, mesmo que de maneira sintética, como se construíram as diversas concepções em torno do sagrado nesse espaço.

3 O MUNDO DAS REZADEIRAS DE MONSENHOR HIPÓLITO

Monsenhor Hipólito é um município do Estado do Piauí, que está localizado no sudeste piauiense, com uma pequena população de aproximadamente 7.391 habitantes. (IBGE, 2010), sendo assim a maioria de sua população tem costumes e valores simples que estão associados a sua pequena população, modo de vida e rendimento desse município, além de ser considerado um espaço interiorano, advindo então disso, suas crenças na benção.

A benção é prática viva em Monsenhor Hipólito desde muito tempo, onde as benzedeadas tratam e benzem com suas rezas, gestos e plantas a quem delas vão a busca. Os rituais de reza ainda são vivenciados e marcam a presença de uma tradição secular, permanecem e constituem elementos significativos para pensar o sentimento religioso dos hipolitanos.

Ao pensar na cidade de Monsenhor Hipólito, nas décadas de 1950 a 2000, verificamos a permanência da prática de benzer em virtude da lacuna deixada pela falta de médicos e de remédios inicialmente, mas que mesmo com os avanços e a ampliação dos serviços de saúde vem resistindo. Entretanto, edifica-se paralelamente todo um percurso de resistência por parte dos executores das práticas populares de cura, majoritariamente advindos de regiões rurais e das camadas mais baixas da população. Tais “portadores de tradição”, como propõe Thompson (1992), ficaram submetidos a todas as “políticas do progresso”, porém não sucumbiram.

O estudo em questão foi voltado para aspectos da cultura popular, hábitos, costumes e a religiosidade destas mulheres. Para tal intuito trabalhamos com a história oral, interligada diretamente com a memória daquela sociedade.

3.1 As práticas das benzedeadas e rezadeiras em Monsenhor Hipólito-PI

Inicialmente a visita é feita a casa de Chica Rezadeira e os dois dias seguintes nas casas de Socorro, Felina e Tica, respectivamente. Ao chegar-se nessas casas propôs-se esclarecer a intenção da pesquisa e pedir permissão que foi cedida para que ocorressem as entrevistas, assim sendo, perguntou-se na sequência do roteiro, deixando abertura para outras colocações que essas quisessem fazer.

O perfil das rezadeiras entrevistadas em Monsenhor Hipólito se assemelha, são sujeitos sociais de sua comunidade, nascidas e criadas na zona rural da cidade, aprenderam suas rezas com o catolicismo popular e dividem espaço com o sacerdote, o médico e o feiticeiro. São mulheres que apresentam bom comportamento e moral além da simplicidade, são atenciosas com as pessoas que as procuram, caridosas desde crianças e informalmente são ensinadas na formação religiosa. Muitas não tiveram acesso à escola e as que tiveram não concluíram o ensino fundamental.

Grande parte das rezadeiras hipolitanas pertence às categorias sociais menos prestigiadas materialmente e a maioria sobrevive com a aposentadoria. Uma característica comum a todas as rezadeiras entrevistadas foi o fato de encontrar em suas casas alguma imagem ou símbolo que manifestasse a relação com o sagrado. São oratórios com imagens de santos, terços, calendários, fotos ou objetos que caracteriza a religião católica.

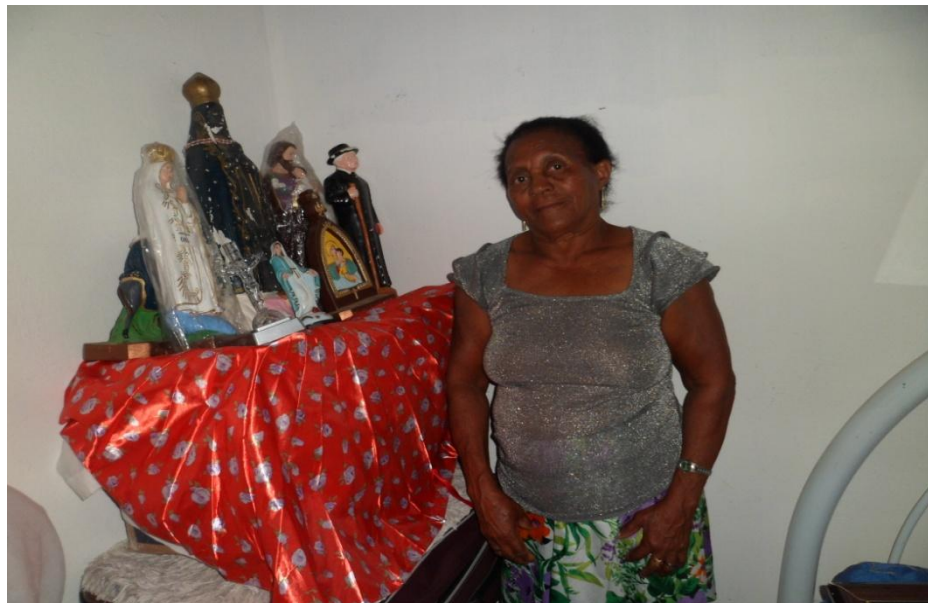


Figura 01: Oratório erguido na casa de Felina tem santos como: Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Padre Cícero, entre outros como santos de devoção.

Fonte: Arquivo Pessoal de Luana de Sousa Bezerra.

Tais práticas de cura vêm sempre associadas à fé em santos. Como podemos perceber em diversas casas de rezadeiras encontramos rezatórios, que são lugares de fé e religiosidade, além de percebermos a presença de imagens de santos que representam o sincretismo religioso. Na imagem abaixo observamos alguns santos católicos, os quais estão presentes nos cultos.



Figura 02: Santos de devoção de Hermínia.

Fonte: Arquivo Pessoal de Luana de Sousa Bezerra.

As práticas e manifestações religiosas emergem no meio das nuances culturais como indicativo de identidade de um grupo guardado na memória popular.

Os santos também fazem parte da ideia de fé e cura. As agentes das práticas de cura, para exercer seu serviço, dão importância à ideologia mágica e religiosa da cura. Oliveira (1985) sugere que a benção é uma prática e representação do catolicismo popular. Segundo este autor, o objetivo desta prática é reproduzir a cura para as doenças tidas como incuráveis que se manifestam em pessoas ou animais decorrentes de mal olhado, de violação de um interdito ou de uma maldição.

A trajetória de vida das entrevistadas, a iniciar pela Francisca Melânia de Jesus Sousa, 68 anos, conhecida como Chica Rezadeira, é comum a das outras entrevistadas e reflete os tipos de relações sociais e culturais vivenciadas no espaço com homens e mulheres de Monsenhor Hipólito de seu tempo.

Francisca Rezadeira é natural do Município de Alagoinhas. Filha de trabalhadores rurais morava no interior e há 21 anos passou a morar na cidade de Monsenhor Hipólito, que ao fixar residência na nova cidade, continuou exercendo as

práticas de cura. Seu depoimento expressava o prazer em falar de suas práticas de benção, caracterizadas pelos rituais de cura das rezas.

Socorro de Chico Santos, como é conhecida por todos, reside na cidade, a sua ligação com a reza é muito forte, pude perceber na sua fala a importância que a população atribui as suas orações. Na região de Monsenhor Hipólito as rezas continuam fazendo parte da vida das pessoas, principalmente no que se refere ao tratamento de algumas enfermidades que necessitam de um acompanhamento espiritual.

Francisca Ermínia de Sousa, 69 anos, Tica de Dona, deparei-me com uma pessoa simpática, aos poucos suas memórias foram surgindo e as histórias de rezas vieram à tona, falou-me de seu ofício e de suas lembranças, foi fascinante ouvi-las.

Dona Felina, 71 anos, mora na Rua José Policarpo, uma mulher de muita fé, o que a levou conhecer o ofício da reza considerada por ela sagrada. Muito procurada por suas orações, ela relata as histórias e a credibilidade do reconhecimento de seu dom nesta cidade.

Buscamos através das histórias e vivências dessas mulheres de reza compreender a religiosidade hipolitana, suas narrativas servem de suporte para compor as memórias deste lugar, assim como, procurar entender como os fragmentos, os resquícios dessa relevância sobrevivem às transformações do contemporâneo.

A memória coletiva se constrói porque as lembranças individuais estão inseridas em um mesmo tempo e interligadas por uma coletividade que ele chama de tempo consciente ou convencional, dessa maneira é possível perceber como as simultaneidades ocorrem na memória. (HALBWACHS, 2006, p.120).

O conhecimento da cura era transmitido através da prática sócio-cultural. E são diversos os casos em que uma determinada pessoa tenha aprendido com seu vizinho, com sua comadre, com sua mãe ou com sua avó uma receita caseira, um remédio, uma oração para que dores pelo corpo fossem curadas. Assim observamos que há um modo único de experimentar as coisas sagradas, de expressar uma maneira de ser diante do mundo, portanto cada rezadeira desenvolve uma maneira própria de rezar, os modos de cantar o ritual são variados.

Diante disso e para saber com quem as entrevistadas aprenderam sua prática, se pergunta se a ação de benzer é um dom ou um aprendizado adquirido, e com quem aprendeu rezar?

Chica Rezadeira: Eu aprendi a curar em animal ferido ou com bicheira que daqui ô donde eu tiver eu rezo que os bichos cai, como meu pai e minha mãe que ainda hoje são vivos eles faziam por caridade. Pra eu testar que a reza servia, eu tinha 15 anos de idade, vinha montado num animal no meio de uma carga, com um jogo de anca cheio. Nos carregava água de animal, ai eu sou caridosa e católica desde criança, ai então eu vi um animal com uma bicheira muito grande em cima da pá e o animal não caminhava, já tava deitado pra morrer porque a bicheira era grande de mais. Ai eu parei o animal e daqui mesmo amuntada eu fiz a cura naquele animal pra eu ver se a reza servia mesmo, por que meu pai curava e servia, foi a primeira vez que eu testei. Ai eu fiz a cura e quando fiz a cura aí com três dias eu vim onde de tava o cavalo tinha caído os bicho tava fechado, sequim.³

Socorro: Dom! O meu é um dom. Porque eu nunca aprendi assim, já veio mesmo da natureza. Num aprendeu com ninguém? Aprendi poucas coisas com alguém, mas a maioria mesmo foi mesmo da minha natureza. Tenho muitos anos que rezo, desde miudinha! Mocinha nova. Têm uns 30 anos e poucos anos mais ou menos.⁴

Tica: Com mia mãe. Ela sabia {..} de as rezas que minha mãe sabia eu só num aprendi Luana duas rezas: ferida na boca e de fogo selvagem, só. Só estas duas. Eu sei rezar de desmintidura que ela mi insinou. Eu sei rezar de vermelha como sua tia sabe. Eu sei rezar de tiração de sol, de quebrante de criança, olhado, de ramo nos olhos.⁵

Felina: Eu aprendi com o finado agora eu me esqueci... Com Aprixo, o pai das meninas ali do vei Aprixo. Eu aprendi porque eu tinha um menino aqui e meus meninos era doente e ai agente as veiz ia pro rezador e chegava lá eles não queriam rezar, ai a gente voltava sem rezar, pro que tinha deles que rezava e num achava bom e tinha deles que num rezava era de jeito nenhum. Ai o finado Aprixo foi quem me ensinou.⁶

³SOUSA, Francisca Melania de Jesus. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito: 21/07/2014.

⁴ BEZERRA, Maria do Socorro Santos. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito: 22/07/2014.

⁵ SOUSA, Francisca Hermínia. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 05/08/2014.

⁶ CONCEIÇÃO, Felina Joana. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 05/08/2014.

Notou-se que as rezadeiras aprenderam as práticas com outras pessoas, ou com parentes como no caso de Chica rezadeira, com seus pais que também faziam a prática, o que se apresenta como valores culturais e de crenças perpassado familiarmente ou culturalmente. Chica Rezadeira aprendeu a rezar com seu pai e sua mãe, além daquelas rezas e benzeções adquiridas nas experiências cotidianas e no contato com uma outra rezadeira, benzedeira ou curandeiro, segundo Chica Rezadeira “Desde dessa vez que eu fiz essa cura, caridade que serviu eu fiquei curando os bichim que eu via mesmo”, onde ela deu início as suas práticas de benzições.

Como um experimento que é feito inicialmente com animais, Chica Rezadeira testa sua reza com um cavalo que se encontra caído pela gravidade do ferimento. Os ritos, simbólicos e rezas encontradas por ela, estão presentes em sua vida, entrelaça-a de maneira que essa relação com a religiosidade católica difundiu-se na infância momento importante que determinaria posteriormente sua forma de agir no social.

Dessa maneira fatores interessantes na fase de iniciação da reza e das práticas de benzição, como ressalta Chica Rezadeira que adquiriu a vontade de exercer o ofício da reza, desde criança possuía uma vida direcionada à religiosidade, seus costumes diante do cotidiano proporcionavam um comportamento sacro; por ter nascido em uma sociedade que tinha ritos católicos populares, conseqüentemente, suas ações estabeleciam um caráter religioso, consolidando ainda quando era adolescente, pela vontade de sempre ajudar, de fazer caridade, influenciada pela família para o contato com o sagrado, o ofício de rezadeira emerge, seus ritos ganharam características divinas.

Diante dos aspectos identificados, pode-se compreender que as crenças e saberes de Monsenhor Hipólito foram socializados. As práticas culturais acontecem a partir das relações sociais, inseridas em determinado tempo e espaço, onde mulheres e homens compartilhavam suas práticas.

Assim, é possível apreender que as experiências e os costumes desse vastíssimo conhecimento eram socializados entre sujeitos oriundos das mais diversas camadas sociais e este procedimento se dava pela transmissão oral.

Os saberes eram, então, reatualizados e veiculados no âmbito da sociedade de Monsenhor Hipólito, através da memória da qual a expressão oral era um

elemento condutor. Muitas senhoras não possuíam conhecimento através da escrita, pois estavam desprovidas de qualquer formação educacional regulamentar.

Rezadeiras e benzedoras, ainda que iletradas, de alguma forma conseguiram resistir e reterritorializar seus costumes e práticas culturais. A sobrevivência de tais práticas de cura entre esses grupos e nas localidades da região estudada põe em dúvida certas concepções presentes entre os letrados porque por muito tempo julgou-se que as pessoas sem escrita eram pessoas incivilizadas, portanto, sem cultura e a-históricas.

Como diria Le Goff: a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. “Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem, visto que, onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história” Portanto, o testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem.

Apesar de não serem reconhecidas pela Igreja como sagradas, as rezadeiras desenvolvem uma ação que as tornam também sagradas. O sagrado era a mais propícia resposta para as suas mazelas.

As rezadeiras e benzedoras fazem essa interligação entre aquele que procura a cura para os males que lhe afligem o corpo. O sagrado não advém somente através dos preceitos eclesiásticos, mas ele se manifesta como sendo um elemento diferente do profano. “A hierofonia faz com que o mesmo não esteja regado somente pela Igreja” (ELIADE, 1992, p.18).

A procura de muitos fiéis em Monsenhor Hipólito pelas rezadeiras reside no costume cultural e no sentimento religioso. A religiosidade católica tinha uma presença muito marcante no cotidiano das pessoas, porém, esse catolicismo não estava totalmente preso às regras doutrinárias da Igreja, assim existiam casos em que as rezadeiras, na falta, substituíam os sacerdotes. A senhora Chica Rezadeira nos revela:

Eu batizo criança que não faz mal, às vezes eu rezo em criança tendo água benta eu agoio até com água benta mostrando o que o Padre faz. Meus avós diziam que se tivesse uma criança no interior sofrendo até o próprio pai podia batizar com a palavra de Deus {...} aquela criança se morrer tá batizada pra Deus {...}.⁷

⁷SOUSA, Francisca Melania de Jesus. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI:13/07/2014.

Assim, percebemos a relevância religiosa que a rezadeira possuía dentro da comunidade. Onde há uma junção da precisão social e da fidelidade em Deus, sendo ambos os elementos motivadores da procura dessas pessoas doentes para com as rezadeiras em nossa sociedade hipolitana.

“As rezadeiras são agentes religiosos populares que exercem uma função sacerdotal de intermediárias entre o sagrado e o profano dentro de um sistema de crenças e rituais pouco institucionalizados” (STEIL, 2001, p.24).

A infância é, para muitas delas, o momento principal no processo de iniciação, as influências de alguns personagens são determinantes para o aprendizado da reza, diversas pessoas compõem esse momento iniciador, esses personagens que integram as suas memórias, quase sempre pessoas bem próximas, demarcadoras de um espaço de afetividade.

As motivações existiam na vida das rezadeiras, a prática foi desenvolvida e cada senhora absorveu a prática de forma diferente, de acordo com suas vivências nos contextos familiares mais restritos ou sociais mais amplos. A infância foi à temporalidade iniciadora da vida religiosa, as pessoas que conviveram com essas rezadeiras nesse momento, foram relevantes ao transmitirem concepções de religiosidade, de espiritualidade.

Mulheres nascidas em um meio religioso muito forte, no seio de um catolicismo exacerbado que difundiu e passou a fazer parte do cotidiano, usam o nome de Deus para rezar, utilizam rezas católicas porque foram essas rezas que lhes ensinaram como verdadeiras e em consequência as orações serviam também para curar pessoas. Uma memória que adveio dos tempos coloniais, a prática da cura herdada dos ancestrais, herdadas por tradição oral que resiste ao tempo.

Chica Rezadeira foi gentil ao me receber em sua casa bem movimentada, o que dificultou um pouco a nossa conversa, são muitos netos e filhos que frequentam sua residência e apesar da estranheza da minha visita, sentir na sua fala um pouco de desconfiança, em sua entrevista fez questão de enfatizar que era religiosa e pertencia a igreja católica, e que rezava pelo desejo de ajudar o próximo. Como nos relata:

Chica Rezadeira: É porque diz que se agente servir ao mundo servi a Deus, fazendo caridade Deus da uma benção {...} eu preciso de Deus é quando eu morrer. Hoje eu já tenho 68 anos e nunca deixei

de fazer a caridade e rezo de dor de dente {...} e rezo também a reza de Jesus Cristo que foi meu pai que insinou, que é pra livrar de raio, mas num é feitiço {...} é coisa de Deus eu num tenho nada com macumba nem com feitiço. Deus me livre sou religiosa, católica da Igreja e hoje eu sou zeladora da Igreja de farda com a fita de sócia, mas vou receber agora em junho a de zeladora.⁸

Socorro: Sou católica. Mas é tirar visitas, fazer visitas é, mas que eu participo. Missa eu num gosto, novena eu num assisto é muito difícil eu ir. Agora tirar visitas eu tiro muitas na Igreja e na casa das pessoas que vem até a mim e me pedem.⁹

Tica: Sou da lei Católica. Mais ou menos, não sou daquelas catequistas que vevi lá mesmo. Mas quando minha vontade pede eu vou, faço o que eu posso. Eu gosto da Igreja e tenho fé.¹⁰

Felina: Eu sou Católica. Eu frequento muito a Igreja quando eu to aqui eu frequento muito a igreja, agora eu to sem frequentar eu to frequentando mais em São Paulo porque eu vivo mais é lá do que aqui. Eu cheguei agora e na outra semana vou voltar de novo.¹¹

Ninguém indaga sobre seu ofício e práticas, portanto para Chica Rezadeira ser interrogada, ter seus saberes como centro de interesse era naquele momento uma situação estranha para ela. Nos seus relatos há uma preocupação constante ter a sua imagem associada a ritual do que seria no senso comum “macumba”, benzer para curar era uma prática católica, não podia ser interpretada como ação maléfica que pudesse provocar o mal às pessoas. No entendimento da rezadeira, o que importa é seguir os ensinamentos de Deus, praticar a caridade para receber uma bênção. Em sua entrevista em vários momentos ela fez questão de reafirmar que pertencia a igreja católica.

Portanto, ao que parece, ao nos referimos à religiosidade das rezadeiras devemos nos preocupar em não cometer generalizações, pois o mundo das benzeções é por demais amplo e complexo, podendo abarcar diversas concepções culturais a depender do indivíduo participante. Para Burke (2003), em seus estudos

⁸ SOUSA, Francisca Melania de Jesus. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 13/07/2014.

⁹ BEZERRA, Maria do Socorro Santos. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito: 22/07/2014.

¹⁰ SOUSA, Francisca Hermínia. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 05/08/2014.

¹¹ CONCEIÇÃO, Felina Joana. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 05/08/2014.

acerca do hibridismo cultural, ao nos defrontarmos com que possivelmente diz respeito a duas tendências culturais distintas, não devemos ter a falsa impressão, muito menos devemos tentar entendê-la de forma separada, pois “não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um continuum cultural”.

A solidariedade é uma forte característica das rezadeiras, esse sentimento sempre presente pode ser identificado em suas falas. A história de vida das rezadeiras é marcada pela doação em fazer o bem comum, mesmo em situações adversas, as rezadeiras estavam à disposição daqueles que batiam em suas portas, a prática de rezar em pessoas se concretiza como um ato social. Assim, questionamos sobre a atuação delas como rezadeiras e benzedeiras se foi registrado algum tipo de pressão ou discriminação por parte da comunidade?

Chica Rezadeira: É muito bom a gente ajudar os outros com o bem. Eu faço tudo aqui com o bem pra Deus me dar o bem no outro mundo, porque diz que a gente fazendo aqui recebe aqui. Se fizer o mal diz que recebe o mal. Eu ajudo as pessoas com todo amor e recebo e rezo até nas pessoas que vem fora de hora, porque às vezes vem doze horas da noite com dor de dente. Um dia deste veio uma muiê com uma criança que disse que já tinha botado todo remédio e num tinha curado. Ai ela veio e me acordou eras umas doze horas da noite, me pediu até desculpa pra eu rezar na menina.¹²

Socorro: Não. Só fazem é gostar, eu sinto que dizem assim! “Só tem sua reza, só acredito em sua reza” graças a Deus!¹³

Tica: Não. Nunca. Só já tive muito elogio, graças a Deus até hoje. As vei gente me pergunta quanto é. Me oferece coisas. Eu digo: eu mesmo até hoje nunca rezei pagado. Agora se quando eu rezo muitas vezes se vocês verem que tem alguma melhora e se ver que eu mereço, vocês é quem sabe. Aí eu já tenho recebido.¹⁴

Felina: Eu sou procurada, eu sou procurada até em São Paulo. Em São Paulo o povo procura muito eu pra rezar lá. E ainda hoje rezo. E eu num rezo {...} que tem gente que reza constrangido e num adianta você vim rezar numa pessoa constrangido, você só faça se for de

¹² SOUSA, Francisca Melania de Jesus. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 13/07/2014.

¹³ BEZERRA, Maria do Socorro Santos. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito: 22/07/2014.

¹⁴ SOUSA, Francisca Hermínia. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 05/08/2014.

gosto e se num for de gosto nem serve pra mim e nem pro rezador, você sabia?¹⁵

É possível perceber através dos relatos das rezadeiras que elas estabelecem relações sociais com a comunidade em que residem, onde essas relações ocorrem por meio da troca que se dá pelo reconhecimento das mesmas, os sentimentos de confiança e respeito, além da forte influência religiosa pela qual difundem rezas, estão ligadas ao sagrado e ao profano e esperam a recompensa de Deus.

Nos depoimentos, sempre perguntava às senhoras rezantes se elas cobravam pelo exercício do ofício e, todas respondiam que a prática era um dom de Deus, elas, uma vez escolhidas, não poderiam negar aos necessitados. É comum entre as rezadeiras o costume da não cobrança de dinheiro pelas rezas, porém normalmente elas são reconhecidas pelas pessoas que vão até elas com alimentos e outros objetos que são sinal de agradecimento pelas graças recebidas. Também perguntou-se se elas recebiam algo em troca da reza no ofício da benzeção.

Chica Rezadeira: E tenho tanto prazer quando rezo numa pessoa que cura a dor, ou seja, o que for que ela diz ó fiquei boinha com a reza, pra mim é o maior prazer. Eu num cobro de nada ninguém me paga, porque eu num recebo dinheiro (rsrs), as vezes a pessoa me diz “ eu lhe dar uma quarta de café um quilo de açúcar porque eu vou lhe agradar com um quilo de goma, num é pagando reza é porque eu gostei e to servida” aí me agrada mas eu nunca recebi dinheiro não.

Socorro: Eu não quero receber. Mas o pessoal a maioria me pagam, me dão dinheiro, outros me dão feijão, comestível sabe! Mas é porque querem, mas para mim cobrar não. Mas recebe dinheiro? Se me derem eu recebo, mas é pouquinho.

Tica: Eu não cobro, mas, se quiserem me dar como já me deram galinha, goma, dúzia de ovo porque eu num crio galinha, eu recebo. Mas pra mim cobrar pra mim dizer é tanto não.

Felina: Eu num recebo troca, eu as vez tem muita gente que eu rezo, que eu rezo muitas vez né, as vez me da um agrado, assim trás um presente pra mim, mas dinheiro mesmo eu nunca recebi de ninguém porque eu num quero. Eu rezo pela fé e pela vontade de ajudar as pessoas, e o povo me dar muitas coisas, as vez chega aqui com um conjunto de copo e eu num vó dizer que num recebo, peu num receber eu sou malagradecida. Chega com conjunto de xicara, eu recebo, compram uma bacia me trazem, eu até roupa eu já

¹⁵ CONCEIÇÃO, Felina Joana. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 05/08/2014.

recebi .porque as veize elas me dão, chegam, compram uma roupa e uma saia ou uma blusa e me dá e eu num vó dizer que num recebo, eu já to sendo malagradecida.

O que faz com que o ato de solidariedade esteja tão presente na vida das senhoras rezantes é o sentimento religioso ligado aos ensinamentos da religião católica. Essa mesma lógica do ser social pode ser a explicação da ampliação das ações das rezadeiras, independente da pessoa que as procura, entretanto, contidas por esse fundamento ético religioso católico, as rezadeiras ampliam seu ofício para além do mundo catolicizado.

Na história de vida de Dona Francisca existe um acontecimento muito interessante, há nesse caso específico uma comprovação que compõe o teor comunitário ou social. Certa vez, a senhora rezadeira fora procurada por uma evangélica da Igreja Assembleia de Deus.

[...] um dia desses uma crente tava com uma dor de cabeça muito forte, já tinha andado por todo médicos e num passava. Aí tu sabe né, crente num acredita em reza de católico, aí mandaram eu ir lá e ela aceitou eu rezar nela. Ai eu disse pode ter fé em Deus porque a palavra de Deus é só uma, e Deus é só um Deus tanto da religião dos crente como o Deus da religião católica. E pode ter fé em Deus e na reza que a senhora vai ficar boa, curada dessa dor de cabeça. Ela se sentou com os oio fechado, chega que corria lágrima da dor de cabeça, com um pano amarrado na cabeça eu rezei nela. Rezei três veiz imediato a reza a oração de dor de cabeça pra curar e rezei o Pai nosso, porque o Pai nosso é a primeira reza que Deus insinou a nois que toda reza que for rezar tem que rezar três Pai nosso. Eu rezei nela e ela já ficou sentindo um alívio, pois com três dias um menino veio aqui dizer que ela já tava boinha, boa mesmo andando,vei na rua caminhando, passou a dor de cabeça. Ai ela é crente! Ela Num disse nada! Pois com um mês que eu tinha rezado nela, ela chegou aqui. Dela ta doente eu num conheci mas, dela ta sadia, corada e mas bonita eu num cuinci mas porque quando ta doente é dum jeito. Ela chegou aqui com um crochê, um pano de prato muito bonito que ela terminou de fazer enrolado aí trouxe “olhe eu lhe trouxe um agradim que eu fiz com amor, eu lhe dor esse crochê porque achei muito bonito e vou lhe dar de presente, num é pagando é só agradecendo”.¹⁶

A fé é o principal elemento do homem religioso, sua manifestação pode se constituir como observamos nesse caso específico, em que a senhora mesmo não

¹⁶Francisca Melania de Jesus. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 13/07/2014.

pertencendo ao seu credo religioso, procura-a na tentativa de aliviar o mal que lhe aflige, e reconhece o benefício da reza ao agradar a rezadeira com um presente. Esse bom relacionamento com a evangélica mostra que a fé perpassou a esfera religiosa. Dotadas do sentimento comunitário, as rezadeiras praticam a solidariedade com as pessoas que frequentam suas casas e que também acreditam nas rezas.

Uma das doenças que as pessoas mais recorrem a essas benzedoras é o mal olhado ou olhos maus. Segundo Cascudo (apud THEOTONIO) o olhado é uma alteração de saúde, causada por influência de olhos maus. Ainda diz que certas pessoas têm, nos olhos, o poder de fazer murchar as plantas, adoecer as pessoas, fazer com que os negócios dos outros não deem certo. Todas as quatro benzedoras fazem a “operação mágica” do olhado. Segundo a crença, essa doença pode levar a morte.

Assim, a prática de “ser rezadeira” requer que se considere um emaranhado de interpretações, pois diz respeito à formação individual dessas mulheres, sobretudo construída de forma endêmica. Falar em rezadeiras é levar em consideração a expressividade de suas práticas culturais, atentando para a contribuição significativa de conservação da benzedura por diversas gerações, não esquecendo as diversas estratégias que ainda hoje asseguram a esfera de poder ocupada dessas mulheres em suas comunidades.

A partir das visitas e dos primeiros depoimentos recolhidos é possível considerar que o ofício da benzeção por ela executado apresenta grande importância no município de Monsenhor Hipólito, já que a benzedora é muito solicitada e desempenha um papel proeminente na comunidade local. Tal constatação fornece subsídios para as indagações aqui suscitadas na medida em que ainda se verifica a eminência deste ofício no interior do espaço urbano, porém, o estudo propõe um mergulho mais denso a fim de responder como a prática da benzeção se legitima e como é possível atribuir uma perenidade para o ofício diante da sua relevância cultural e histórico social.

Nesse contexto, procurou-se saber se as pessoas que recorrem as rezadeiras são sempre curadas do mal que lhe afligem.

Chica Rezadeira:Eu ajudo as pessoas com todo amor e recebo e rezo até nas pessoas que vem fora de hora, porque às vezes vem doze horas da noite com dor de dente. {Um dia deste veio uma muiê com uma criança que disse que já tinha botado todo remédio e num

tinha curado. Ai ela veio e me acordou eras umas doze horas da noite, me pediu até desculpa pra eu rezar na menina. Eu rezei na criança e diz ela que ate hoje num doeu mais, aí ela pediu pra mim insinar esta reza que era tão boa}.¹⁷

Socorro: São. Tem varias pessoas quem vem me procurar e ficam boas. É sem exemplo mesmo minha reza. Graças a Deus! Eu rezo de tudo e em tudo: bicho bruto (animal); bicheira em animal, garganta de gente, dor de cabeça, sol, vários tipos de reza.¹⁸

Tica: Sim. E elas sempre voltam para agradecer. Eu só já tive elogios. Eles dizem: “Ô Tica sua mão é santa”. Com os poder de Deus, primeiro Deus e depois eu tenho muita fé. E a gente só deve rezar tendo a fé, num tendo num tem praquer. Dizia minha mãe.¹⁹

Felina: Sim. E elas voltam pra agradecer. Já curei muita gente, já veio muita gente da serra, vem muita gente e de todo canto vem pra rezar. E eu rezo!²⁰

Todas são categóricas ao afirmar a cura das pessoas por elas benzidas, a fé é o milagre que legitima as benzedeiras em suas rezas consideradas sagradas, elas se sentem portadoras de um dom e as pessoas que as procuram acreditam no poder da cura de suas rezas.

Nesse sentido, Chauí (1986, p. 82) afirma que, “um aspecto da atitude religiosa popular é a relação intrínseca entra a crença e a graça, isto é, a fé busca milagres”. A fé e a religião são os instrumentos principais que interligam a sua precisão para com o criador, fazendo do homem terreno um necessitado das causas divinas.

O sagrado é o regente principal nas manifestações das rezadeiras, pois é através desse sagrado que as senhoras rezantes conseguem estabelecer um lugar no olhar dos féis, é por causa do divino que as rezadeiras permanecem em suas comunidades e são representadas por elas. As rezadeiras hierofonicamentese integram em uma determinada coletividade, estabelecem uma ação intermediária entre o sagrado e o profano (ELIADE, 1992, p.17).

¹⁷Francisca Melania de Jesus. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 13/07/2014.

¹⁸BEZERRA, Maria do Socorro Santos. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito: 22/07/2014.

¹⁹SOUSA, Francisca Hermínia. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 05/08/2014.

²⁰CONCEIÇÃO, Felina Joana. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 05/08/2014.

A relação entre a fé e cura para as rezadeiras se personifica como transmissora divina e sua manifestação se dar por meio do coletivo, no qual situa uma ação mediadora entre o sagrado e o profano. Desse modo, falar em cura por via espiritual na contemporaneidade parece algo paradoxo. Nesse contexto indagamos o que faz as pessoas em meio a tantos avanços da medicina e recursos tecnológicos buscarem as rezadeiras e benzedadeiras?

Chica Rezadeira: Não. Nunca fui recramada. As vezes vem pessoas aqui que diz “ó eu vim aqui porque o dotor disse que podia mandar rezar da insipela,²¹ porque o dotor passa os remédios mas a reza num faz mal”. A reza num complica a medicina não.²²

Socorro: Por causa da fé. Que as pessoas vêm. Eles dizem: “ eu num acredito na reza de fulano porque reza conversando é num sei o que, sabem que não tem gosto de rezar”. Agora eu rezo é de gosto! Eu adoro criança! Rezo em toda criança, em gente véi e é de gosto.²³

Tica:{...} Recorrem. Dr. Dorta mesmo disse, ele consultou eu de minha perna biauqui em casa na sexta de tarde. Ele disse oi Tica eu vou passar um medicamento dos melhores, mas você não deixe de rezar porque minha mãe passou foi 45 dias doente de vermelha de isipele na perna e eu era o médico dento de casa , mas nunca deixei de mandar rezar. Socorro de Assiza ia rezar e Chica de Felina e você ainda rezou duas vezes, foi lá em casa rezar em mamãe. Eu já vi eles dizendo ali que ia passar medicamentos, mas casse rezadeira pra vocês mandarem rezar que é muito bom pra isipa.²⁴

Felina: Pela fé! Sabia que é pela fé. Proque aqui tem é muita gente que sinterna e toma remedi e só cura, mas é com reza. Porque tem este tipo de doença que só cum remédio só num cura não, sabia? Insipa foi a doença, mas pesada que eu já vi dar foi de insipa. Porque de insipa vira toda doença, você sabia?²⁵

Verificamos a partir das narrativas que mesmo diante dos avanços tecnológicos, principalmente no campo da medicina, a prática das rezadeiras e

²¹**Erisipela** é um processo infeccioso agudo, que atinge a derme e a hipoderme, geralmente dos membros inferiores. A erisipela geralmente é causada pela [bactéria](#) *Streptococcus pyogenes* do grupo A, embora possa também ser causada por *Staphylococcus aureus*, ou mesmo por estreptococos do grupo B, sendo que as bactérias se propagam pelos vasos linfáticos. Disponível em <<http://www.infoescola.com/doencas/erisipela/>. Acesso em: 23/11/2014.

²²Francisca Melania de Jesus. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 13/07/2014

²³BEZERRA, Maria do Socorro Santos. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito: 22/07/2014.

²⁴SOUSA, Francisca Hermínia. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 05/08/2014.

²⁵CONCEIÇÃO, Felina Joana. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 05/08/2014.

benzedeadas vêm resistindo, na tentativa de restabelecer tanto os males físicos como emocionais sempre prontas a intermediar as pessoas que a procuram com o sagrado, restaurando a saúde fragilizada e produzindo respostas alternativas às que o saber oficial produz agindo assim politicamente e revelando que as práticas populares, longe de serem sem valor, funcionam tanto quanto as práticas médicas e religiosas oficiais.

A isipa é um tipo de doença que causa inflamação na pele que surge pelo corpo. Geralmente, a parte afetada apresenta cor avermelhada e o doente sente febre e dores insuportáveis. Também conhecida por erisipela ou isipela. Gomes & Pereira (1989) fala sobre seus sintomas:

É uma enfermidade cutânea que atinge particularmente os membros inferiores. Surge tumoração local e a pele se apresenta lisa e brilhante, tomando a seguir uma coloração vermelha violácia. (GOMES; PEREIRA, 1989, p. 117-118).

De acordo com Tica a isipa é contagiosa, ela nos relata que não a reza mais, pois a mesma contraiu a doença em uma de suas orações, vejamos sua narrativa sobre a referida doença:

Agora mermo eu não to rezando de vermelha. Depois que adueci di minha perna já veio duas pessoas aqui. Se o sangue combinar passa. Durante estes 37 anos que eu rezo só já teve duas pessoas que eu me sentir mal quando eu rezei de vermelha. Foi o vei Roqueano e aquela Lucinelma, irmã da mulher de Soares. Ói o vei Roqueano eu rezei nele bem aí no hospital de manhã que ele tava com a perna muito inchada, só aquelas papoca medonha, aí a veinha mandou me pedir ai eu fui rezar. Quando foi no outo dia, isto era um dia de sexta. Quando foi na sexta de noite eu num dormir com uns pinicão aqui debaixo do solado de meus pé. Meu Deus! Que pinicão. Dava assim uma sovelada, uma sovelada. Oh! Quando foi de manha que eu alenvantei tinha umas roxa, vermelha passando para roxa, onde dava aquele pinicão coisava a vermelha.²⁶

Nesse sentido, a tarefa de rezar é considerada um privilégio e um compromisso, primeiro porque as rezadeiras percebem que a sua atuação é um dom divino, muitas afirmam “por causa da fé que as pessoas vêm...Rezo em toda criança,

²⁶SOUSA, Francisca Hermínia. Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra. Monsenhor Hipólito-PI: 05/08/2014.

em gente véi e é de gosto”²⁷ e se preocupam sempre em agradecer esse privilégio que receberam.

A eficácia da reza está atrelada à fé que o indivíduo tem nessa prática, não sendo contraditório fazer uso e depositar confiança na eficiência das práticas da medicina como o saber do médico e a ação dos medicamentos alopáticos. A fé é vista como suporte para que o conhecimento médico possa atuar “ele disse oie Tica eu vou passar um medicamento dos melhores, mas você não deixe de reza”²⁸. Os próprios médicos indicam uma rezadeira para curar, embora siga o tratamento clínico, as pessoas continuam o tratamento com as rezas, o que mostra a confiança depositada nessas mulheres.

“Pela fé! Sabia que é pela fé”²⁹, onde acreditar na eficácia da reza e no poder da fé é imprescindível para obter a cura. Essa construção de um tempo e um espaço sagrado, em torno da reza, se renova a cada ocasião onde a rezadeira exerce seu ofício e é confirmada pela confiança que a comunidade tem nessa prática.

A eficácia da reza se estabelece porque a rezadeira acredita no sucesso de sua prática contra o mal que está para ser vencido, a pessoa que se reza compartilha dessa crença e a comunidade, onde estão inseridas, confirmam em várias ocasiões essa crença.

²⁷ Trecho da entrevista realizada com Socorro, já citada anteriormente.

²⁸ Trecho da entrevista realizada com Tica, já citada anteriormente.

²⁹ Trecho da entrevista realizada com Felina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No município de Monsenhor Hipólito, a benzeção é executada de forma naturalizada, mesmo diante das informações da atualidade sobre as ações de cura e saúde. As benzedeadas locais desempenham papel importante nesta comunidade local, tendo relevância social e cultural que institui valores de crenças.

No entanto, concluiu-se que as pessoas que procuram as rezadeiras são pessoas que compartilham de valores e crenças sobre concepções místicas, acreditam no poder de cura de suas rezas, outras devido aos valores impregnados no seio familiar, percebeu-se ainda que muitas delas mesmo recorrendo a medicina oficial procuram na cura as rezadeiras para o mal que as afligem.

Entende-se que a prática das rezadeiras e benzedeadas vem resistindo no decorrer dos anos, devido a “fé” e que esses valores culturais mesmo diante dos avanços tecnológicos e científicos vivenciados atualmente é presente nesta comunidade.

Nesse sentido, a procura é devido ainda ao interesse de restaurar a saúde buscando alternativas para sanar seus males, que devido a valores surtem resultados que estão associados às práticas médica. Deste modo, a benzeção auxilia na motivação da cura, e assim, as pessoas que acreditam que tiveram suas curas através da benzeção reproduzem essa compreensão a outras pessoas em situação de aflição, levando a repetição da procura a essa prática da benzeção.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Histórias dentro da história**. In: Pinsky, Carla (org.) Fontes históricas. São Paulo, Contexto, 2005, p.155-202.
- ALVES, Rubem. **O que é religião?**São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- ARAÚJO. P. Nunes. **Senhoras da Fé:**A história de vida das rezadeiras no Norte do Piauí. Dissertação (Mestrado em História), UFPI, 2011, p.31.
- BEZERRA, Miguel Joaquim, **Das origens às raízes**. 100 Anos de Santa Ana – Padroeira de Riachão. Monsenhor Hipólito, PI: 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo:** um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.
- BRANDÃO, T. **A Religiosidade no Piauí Colônia:** catolicismo adaptado ao modo de vida. In Revista CLIO, série História do Nordeste, nº 22. 2004,1999.
- BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. 4.ed. São Paulo: Global, 2001.
- CERTEAU. **A Cultura no Plural**. Tradução: Enid Abreu Dobránszky. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus,1995.
- COSTA FILHO, A. **A escola do sertão:**ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889, Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.
- CUNHA, H. **História das Religiões no Piauí**. Teresina: Papelaria Piauíense, 1924.
- DEL PRIORE, MARY. **Magia e medicina na Colônia:** o corpo feminino. In: _____ (Org). História das mulheres no Brasil. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- DURKHEIM, E. **As formas Elementares da vida religiosa**.São Paulo. Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano** – a essência das religiões. São Paulo: 1992
- FREYRE, G. **Casa grande e senzala:** formação da família sob regime da economia patriarcal. São Paulo. Globo, 2005.
- GEERTZ ,C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____, Clifford. **A interpretação das culturas**. I.ed., IS. reimpr. - Rio de Janeiro: LTC. 2008.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUFJ; Mazza Edições, 1989.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Nostas sobre a desconstrução do Popular**. In: Da Diáspora – identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo, UNICAMP, 2003.

IBGE, **Censo Demográfico – 2000/2012 – Contagem da População**. Brasil, 2010. Disponível em: http://www.censo.gov.br/download/201105/CEPRO03_7e0320c100.pdf Acesso em: 12 de Agosto de 2014.

JANOTTI, Maria de Lourdes; ROSA, Zita de Paula. **História oral: uma utopia**. Revista Brasileira de História. (25-26). São Paulo: ANPUH, 1993.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é Benzeção?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. (Tese de conclusão do Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná, 2004.

MELO, C. **Os primórdios de nossa História**. Teresina, 1983.

MOTT, Luiz. **Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu**. In: SOUZA, Laura de Mello e. (Org.). História da vida privada. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

POLLAK, M. - 1992 - **Memória e identidade social**, Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v.5, n.10, 1992, p.200-215 (disponível para download em www.cpdoc.fgv.br).

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SILVA, J. da S. **Congregação do preciosíssimo sangue: um estudo sobre a memória das irmãs em Capanema**. Monografia. Curso de Especialização em História da Amazônia, Universidade Federal do Pará, 2007.

SANTOS, Pablo Marcel Bezerra dos. **Educação e sociedade na cidade de Monsenhor Hipólito – PI durante os anos de 1975 a 1998**. Picos, 2012. (Monografia de conclusão de curso em Licenciatura Plena em História, pela Universidade Federal do Piauí).

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz– feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

STEIL, Carlos Alberto. **Catolicismo e cultura**. In: VALLA, Victor Vicent (org). **Religião e cultura**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001- (Coleção: O sentido da escola nº 17)

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VANSINA, Jan. **A Tradição Oral e sua Metodologia**. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.) História Geral a África, I: Metodologia e pré-história da África. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio Grandense 1889-1928**. São Paulo: EDUSC, 1999.

XIDIEH, Osvaldo Elias. **Semana Santa Cabocla**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1972.

ZUMTHOR, P. 1993. **A letra e a voz: a "literatura" medieval**. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cia. das Letras.

SITES

CENSO DEMOGRAFICO. Disponível em: <http://www.cepro.pi.gov.br/download/201105/CEPRO03_7e0320c100.pdf>. Acesso em 06/08/2014.

ERISPELA. Disponível em <<http://www.infoescola.com/doencas/erisipela/>>. Acesso em: 23/11/2014.

FONTE ORAL

BEZERRA, Maria do Socorro Santos. Entrevista **concedida a Luana de Sousa Bezerra**. Monsenhor Hipólito: 22/07/2014.

CONCEIÇÃO, Felina Joana. **Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra**. Monsenhor Hipólito-PI: 05/08/2014.

SOUSA, Francisca Hermínia. **Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra**. Monsenhor Hipólito-PI: 05/08/2014.

SOUSA, Francisca Melania de Jesus. **Entrevista concedida a Luana de Sousa Bezerra**. Monsenhor Hipólito-PI: 13/07/2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO APLICADO AS BENZEDEIRAS E REZADEIRAS DE MONSENHOR HIPÓLITO-PI

DADOS PESSOAIS:

Nome: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Sexo: _____

- 1- A ação de benzer é um dom ou um aprendizado adquirido?
- 2- Que credo religioso ela professam? E qual a participação delas na Igreja?
- 3- Durante o tempo de atuação como rezadeira e benzeadeira foi registrado algum tipo de pressão ou discriminação por parte da comunidade?
- 4- Você recebe algo em troca da reza no ofício da benzeção?
- 5- As pessoas que recorrem as rezadeiras são sempre curadas do mal que lhe afligem?
- 6- O que faz as pessoas em meio a tantos avanços da medicina e recursos tecnológicos buscarem as rezadeiras e benzeadeiras?



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(x) Monografia
() Artigo

Eu, **Luana de Sousa Bezerra**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **Benedeiras e Rezadeiras em Monsenhor Hipólito-Piauí (1950-2013)** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 05 de Março de 2015.

Luana de Sousa Bezerra

Assinatura

Assinatura